

TAMIRES GOMES DA SILVA

UMA NARRATIVA DE EXPERIÊNCIAS COMUNICATIVA:

Estudo de caso sobre as formas
comunicativas praticadas pela comunidade
de Narcóticos Anônimos através
do Grupo da Paz.



FAPCOM



COLEÇÃO EBOOKS | FAPCOM

RÁDIO, TV E INTERNET

UMA NARRATIVA DE EXPERIÊNCIA COMUNICATIVA: Estudo de caso sobre as formas comunicativas praticadas pela comunidade de Narcóticos Anônimos através do Grupo da Paz.

TAMIRES GOMES DA SILVA

UMA NARRATIVA DE EXPERIÊNCIA COMUNICATIVA:
Estudo de caso sobre as formas comunicativas praticadas
pela comunidade de Narcóticos Anônimos através do Grupo
da Paz.



Coleção E.books Fapcom

A Coleção E.books FAPCOM é fruto do trabalho de alunos de graduação da Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação. Os conteúdos e temas publicados concentram-se em três grandes áreas do saber: filosofia, comunicação e tecnologias. Entendemos que a sociedade contemporânea é transformada em todas as suas dimensões por inovações tecnológicas, consolida-se imersa numa cultura comunicacional, e a filosofia, face a esta conjuntura, nos ocorre como essencial para compreendermos estes fenômenos. A união destas três grandes áreas, portanto, nos prepara para pensar a vida social. A Coleção E.books FAPCOM consolida a produção do saber e a torna pública, a fim de fomentar, nos mais diversos ambientes sociais, a reflexão e a crítica.

Conselho Científico

Alessandra Barros Marassi
Antonio Iraildo Alves de Brito
Claudenir Módolo Alves
Claudio Avelino dos Santos
Jakson Ferreira de Alencar
Valdir José de Castro

Livros da Coleção E.books FAPCOM

A COMUNICAÇÃO NA IGREJA CATÓLICA LATINO-AMERICANA

Paulinele José Teixeira

ASCENSÃO DIALÉTICA NO BANQUETE

Iorlando Rodrigues Fernandes

COMUNICAÇÃO E AMBIENTE DIGITAL

Cinzia Giancinti

A ONTOLOGIA DA ALMA EM SÃO TOMÁS DE AQUINO

Moacir Ferreira Filho

PARA REFLETIR O QUE A GENTE ESQUECIA:
ANÁLISE DE VIDEOCLIPES DA BANDA O RAPPÀ

Talita Barauna

NARRATIVAS DA FRONTEIRA:
INTERFACES ENTRE JORNALISMO E LITERATURA NAS
MEMÓRIAS DO CÁRCERE, DE GRACILIANO RAMOS

Marcos Vinícius Lima de Almeida

O CINEMA TRASH E A RECICLAGEM DA INDÚSTRIA CULTURAL

Juliano Ferreira Gonçalves

O TRATADO SOBRE AS DUAS NATUREZAS DE BOÉCIO
ASPECTOS FILOSÓFICOS DA CONTRAPOSIÇÃO
ÀS HERESIAS DE ÊUTÍQUES E NESTÓRIO

Gabriel Anderson Barbosa

O PROBLEMA DA FELICIDADE NA FILOSOFIA TRÁGICA DE NIETZSCHE
Gabriel Sanches Gonçalves

PEDRINHAS - A CIDADE E AS SOMBRAS
Guilherme Lazaro Mendes

BRANDING SENSORIAL: POTENCIAL E LIMITES
Amanda Mendes Zerbinatti

UM ESTUDO DO COMPORTAMENTO DO CONSUMIDOR
DE NARRATIVA TRANSMÍDIA BRASILEIRA
Fernanda Gonçalves dos Santos

COLCCI: DO FUNDO DO QUINTAL PARA SPFW- AS RELAÇÕES PÚBLICAS E O
MARKETING INTEGRADOS NO REPOSICIONAMENTO DA MARCA
Ynaia Alexandre Rosa

AS CONSEQUÊNCIAS ANTROPOLÓGICAS DO PECADO ORIGINAL SEGUNDO
SANTO AGOSTINHO
Lucas Rodrigues Dalbom

FILOSOFIA DA NATUREZA EM ARISTÓTELES:
A TEORIA DAS QUATRO CAUSAS E ANECESSIDADE TELEOLÓGICA
Mário Henrique Miguel Pereira

ANÁLISE DO PERFIL JORNALÍSTICO NAS REVISTAS PIAUÍ E VEJA:
DOS PROTAGONISTAS DO COTIDIANO ÀS CELEBRIDADES E FIGURAS PÚBLICAS
Matheus Campos da Silva

APPLE E O COMERCIAL TELEVISIVO “1984”:
ASPECTOS CULTURAIS E SEMIÓTICOS NA FORMAÇÃO DE BRANDING DA MARCA
Thiago Neves

WE LOVE BOOK
Sílas Tarso Sales

NO ESCONDERIJO DO VERSO: ANÁLISE DO DISCURSO
RELIGIOSO DO PADRE FÁBIO DE MELO

Marcelo Lopes Staffa

O TEMPO CÍCLICO E A HISTÓRIA LINEAR EM AGOSTINHO

David Brendo Silva

EDUCAÇÃO E DISCIPLINA À LUZ DA MICROFÍSICA DO PODER DE
MICHEL FOUCAULT

Keller Reis Figueiredo

A FORÇA DO PRODUCT PLACEMENT NO YOUTUBE: UM ESTUDO DO CANAL
ACIDEZ FEMININA

Roberta Arello Bello Silva

O ATO DE VONTADE DAS CRIATURAS RACIONAIS EM SANTO AGOSTINHO

DANILO SERVILHA RIZZI

Direção Editorial

Claudiano Avelino dos Santos

Coordenação Editorial

Claudenir Módolo Alves

Alessandra Barros Marassi

Produção Editorial

Editora Paulus

Capa

Gledson Zifssak

Diagramação

Viviane Tamagawa

Revisão Gramatical

Cícera Gabriela Souza Martins

© PAULUS – 2018

Rua Francisco Cruz, 229

04117-091 – São Paulo – (Brasil)

Tel. (11) 5087-3700 – Fax (11) 5579-3627

www.paulus.com.br

editorial@paulus.com.br

ISBN: 978-85-349-4760-2

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Corpo Docente da Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação, responsável por grande parte dessa pesquisa que não aconteceria sem os conhecimentos pelos professores lecionados, em especial minha orientadora Marcella Schneider Faria, que com muita paciência contribuiu com seu melhor para esta monografia.

Agradeço ao Professor Dr. Elinaldo Meira por todo empenho, disponibilidade, e-mails enviados fora de hora, por toda sua cumplicidade e amizade ao longo deste processo, que se tornou menos árduo graças a você, e por tudo mais que realizou; o que nem é possível enumerar nesses agradecimentos, portanto, a você toda a minha gratidão.

Agradeço ao Professor Dr. Thiago Calçado, por todo seu conhecimento, disponibilidade e empenho em realizar o bem através do seu chamado de existência, sua capacidade de gerar reflexões é impressionante, continue sempre inspirando seus alunos a seguir o caminho do conhecimento.

Agradeço à Professora Fernanda Budag, por me auxiliar em todo o processo de elaboração do projeto para o mestrado, independente do resultado final foi imensamente nobre da sua parte.

Agradeço aos meus amigos “fapconianos”, juntos construímos uma história linda da qual nunca esquecerei, em especial Mariana Haddas por ser minha “pessoa preferida no mundo”, Fernanda Trevisan por acreditar em mim mais do que eu mesma, Priscila Guedes por ter me ensinado muito sobre o quanto a presença é insignificante quando se tem amor, te amo muito e morro de saudades, Audir Barreiros por me matar de raiva e amor ao longo desses quatro anos, obrigada maninho, senti-me muito honrada em acompanhar sua história.

Agradeço minha família pelo apoio fundamental, principalmente a minha avó Maria Carvalho, que se orgulha de cada passo meu como se fossem realizações dela.

Tio Marco e Tia Érica obrigada por tudo, vocês são mais responsáveis do que imaginam pelo meu avanço e sucesso, nunca esquecerei o que fizeram por mim, cheguei até aqui por força e motivação de vocês, obrigada por não terem desistido de mim.

A minha chefe/amiga Damaris Augusto por sempre compreender tudo que gira em torno desse projeto e de todos meus projetos acadêmicos, obrigada pela torcida de sempre.

Agradeço minha companheira Karla por perdoar minha ausência, por suportar meu desespero quando achava que não daria conta de terminar essa pesquisa, e por nunca em nenhum momento ter duvidado que eu conseguiria, obrigada por acreditar e me fazer acreditar, você me ensina muito.

Agradeço também a irmandade de Narcóticos Anônimos, objeto desta pesquisa, e seus membros que contribuíram com todas as informações necessárias para a viabilização desse tema, “tamu junto” e “Só Por Hoje funciona!”.

“Um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque apenas uma chave para tudo que veio antes e depois.”
(Walter Benjamin)

RESUMO

GOMES, Silva Tamires. Uma narrativa de experiência comunicativa: estudo de caso sobre as formas comunicativas praticadas pela comunidade de Narcóticos Anônimos através do Carandiru. São Paulo, 2017. (Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação, para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social).

Uma narrativa de experiência comunicativa propõe uma reflexão acerca das práticas comunicativas utilizadas pelo Narcóticos Anônimos, acentuando como a comunicação é utilizada pela comunidade para praticar seu programa de recuperação totalmente pautada nas experiências narradas nas reuniões e transmitidas pelos corpos dos presentes. Trata-se de uma discussão teórica que busca apresentar o corpo como perspectiva fundamental para construção e expansão, sendo a narrativa responsável pelo formato exercido pelo Narcóticos Anônimos. Benjamin (2012), por meio dos conceitos sobre o narrador e a experiência que utiliza para aprofundar o universo das narrativas das histórias dos membros, e Beatris Sarlo (2007) contribuem para elucidar sobre como o passado concorre para relatar o que foi vivido. Este estudo busca além de adentrar no objeto empírico como base de trabalho, busca primordialmente compreendê-lo sob o viés da comunicação expondo-o à mídia primária, cujo único aparato é o corpo, que possibilita que os Conceitos e Tradições da irmandade sejam mantidas, apontando oralidade, narrativa e experiência, explicando essas relações dentro de irmandade, sob uma perspectiva comunicacional.

Palavras-chave: Narcóticos Anônimos; Narrativa; Experiência comunicativa; Corpo mediador.

ABSTRACT

GOMES, Silva Tamires. A narrative of communicative experience: a case study on communicative forms practiced by the Narcotics Anonymous community through Carandiru. São Paulo, 2017. (Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação, para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social).

A narrative of communicative experience proposes a reflection on the communicative practices used by Narcotics Anonymous, emphasizing how communication is used by the community to practice its recovery program based on experience, narrated in the meetings and transmitted by the body of those present. It is a theoretical discussion that seeks to present the body as a fundamental perspective for construction and expansion, and the narrative is responsible for the format of Narcotics Anonymous. Benjamin (2012), through narrator concepts, and experience are used to deepen the universe of storytelling of members' stories, and Beatris Sarlo (2007) contributing to elucidate how the past contributes to relate what has been experienced. This study seeks not only to enter into the empirical object of work, but also seeks to understand it under the bias of the Communication by exposing that the primary media, whose only apparatus is the body, enables the Conceptions and Traditions of the fellowship to be maintained, pointing out orality, narrative and experience, explaining these relationships within a fellowship from a communicational perspective.

Key-words: Narcotics Anonymous; Narrative; Communicative experience; Mediator body.

Lista de Abreviaturas

AA	Alcoólicos Anônimos
ACS	Associação para Comitês de Serviços
AIDS	Síndrome da Imunodeficiência Humana Adquirida
CID	Classificação Internacional de Doenças
CSA	Comitê de Serviço de Área
CSR	Comitê de Serviço Regional
DR	Delegado Regional (CSR)
H&I	Hospitais e Instituições (subcomitê)
IP	Informação ao Público (subcomitê)
LA	Longo Alcance (subcomitê)
LDA	Linha de Ajuda (subcomitê)
MCR	Membro do Comitê Regional
NA	Narcóticos Anônimos
NAWS	Serviços Mundiais de Narcóticos Anônimos
OMS	Organização Mundial de Saúde
RSG	Representante de Serviço de Grupo
WSO	Escritório Mundial de Serviços

Sumário

Introdução	18
CAPÍTULO I	
1 A comunicação sob a perspectiva sociológica	21
1.1 Sociedade da memória oral	22
1.2 Um brinde à modernidade	26
CAPÍTULO II	
2 Narcóticos Anônimos	30
2.1 Histórico de Alcoólicos Anônimos	30
2.2 Surgimento e expansão de Narcóticos Anônimos	32
2.3 Narcóticos Anônimos no Brasil	33
2.4 Literatura de Narcóticos Anônimos	34
2.5 Estrutura de Narcóticos Anônimos	37
2.5.1 Comitês de Serviço	42
2.6 A doença da adicção	42
2.6.1 Quem é o adicto	44
2.7 Programa de Narcóticos Anônimos	45
2.8 Os Doze Passos de Recuperação de NA	47
2.8.1 As Doze Tradições	49
2.8.2 Os Doze Conceitos	51
2.9 Anonimato	53
2.10 O tempo limpo	54
2.10.1 As fichas de Narcóticos Anônimos	54
2.11 O grupo de Narcóticos Anônimos	55
2.12 As reuniões	57
2.12.1 Os formatos das reuniões	58
2.12.2 Tipos de reuniões	60
2.13 Estatísticas dos membros	62
2.14 Oração da Serenidade	63
CAPÍTULO III	
3 Narrativa	64
3.1 Passado e narrativa	64
3.2 O enfraquecimento da experiência	67
3.3 O narrador de Benjamin	68

CAPÍTULO IV

4 A experiência de NA no Grupo da Paz	72
4.1 O inventário do Grupo da Paz	73
4.2 A importância da literatura	77
4.3 As reuniões do Grupo da Paz	79
Conclusão	87
Bibliografia	90

Lista de figuras

Figura 1: Organograma de Distribuição de NA.....	36
Figura 2: Fluxo de fundos.....	39
Figura 3: Estrutura de Narcóticos Anônimos.....	41
Figura 4: Fichas de Narcóticos Anônimos.....	55

INTRODUÇÃO

Narcóticos Anônimos é uma irmandade mundial, que tem cerca de 60 mil reuniões por dia, e já tratou milhares de pessoas que têm problema com drogas.

É uma comunidade bem estruturada, com regras bem definidas, cuja marca está em seu formato de programa de recuperação, ou seja, mantém-se inalterado, independente do quanto à sociedade contemporânea se molde com a tecnologia.

E para apresentarmos essa reflexão se faz necessário percorrer conceitos e apontamentos de alguns teóricos como Benjamin, a fim de compreender e analisar como são essas práticas comunicativas, como elas são apresentadas e usadas dentro de Narcóticos Anônimos, identificando a importância da comunicação para sobrevivência da irmandade.

Narcóticos Anônimos é um objeto empírico aparentemente pouco estudado pela comunicação, ele é mais discutido na academia pelo viés da sociologia, segundo a qual a busca é a apresentação da questão da “drogadição”, e seus efeitos para a sociedade. O foco dessa pesquisa não é aprofundar-se nessas questões morais, mas sim, estudar o objeto pela ótica da comunicação.

A pesquisa será apresentada através dos capítulos nominados: A comunicação sob a perspectiva sociológica, Narcóticos Anônimos, Narrativa e A experiência de NA no Grupo da Paz, sendo que cada um auxilia de forma acumulativa para realizarmos o que nos comprometemos como objetivos gerais e específicos. Portanto, tudo que for dissertado ao longo dos capítulos será uma apresentação dos conceitos, fazendo parte da reflexão no último capítulo.

Então, no capítulo intitulado: “A comunicação sob a perspectiva sociológica”, demonstraremos o percurso da comunicação por meio do tema proposto, buscando evidenciar como foram os saltos tecnológicos e como culminaram para as mudanças na maneira da sociedade se expressa e se comunica.

Outro ponto a ser salientado é a oralidade da qual iremos tratar nesta pesquisa como mídia primária, seguindo os apontamentos de Baitello que compreende a mídia em três categorias, a mídia primária, que se baseia em usarmos tudo que temos no corpo como aparato técnico e mediador; a mídia secundária, que é a escrita em cumulativamente com a oralidade, e a terciária, que é o acúmulo das duas, agregando aos aparatos técnicos surgidos a partir do advento da eletricidade.

De qualquer forma, Baitello busca discutir a mediação dessas mídias que serão de suma importância para identificarmos o corpo como mediador da mensagem oral de Narcóticos Anônimos.

Ainda no neste capítulo, Pierre Lévy é colocado em evidência a respeito de seus estudos sobre a oralidade e memória, mostrando-nos o caminho de armazenamento das comunidades predominantemente orais, e sua reflexão a respeito das tecnologias intelectuais que dialogam diretamente com o objeto empírico em questão.

Narcóticos Anônimos tem uma estrutura bem complexa, a escrita também é um elemento bem presente, a literatura oficial de NA (sigla utilizada para Narcóticos Anônimos) é composta por livros, guias de passos, folhetos, manuais e livretos. Todavia, o que buscaremos evidenciar está contido na literatura de NA, porém observaremos que toda esta riqueza literária surge da oralidade e das experiências pessoais dos membros, conforme abordado no capítulo denominado Narcóticos Anônimos. Além disso, verificaremos como funciona seu programa de recuperação, as reuniões, o que é a doença da adicção, considerada pela irmandade como dependência química, e seus portadores.

Além disso, mostraremos suas tradições, conceitos, os passos que são partes primordiais para o funcionamento da irmandade, sustentados por um pilar importante: as reuniões, com seus formatos e estatísticas.

Já no capítulo que compõe as discussões sobre a narrativa, serão discutidos os conceitos de Benjamin e Beatris Sarlo. Sarlo é uma estudiosa de Benjamin e utiliza de diversas formas os conceitos do filósofo em sua obra, a autora, porém, estuda como as narrativas orais, relatadas por pessoas que participaram de eventos traumáticos como as Ditaduras da América Latina, utilizam o relato para narrar os acontecimentos. Seu objetivo é compreender a credibilidade em torno da narrativa e se isso está atrelada ao fato da pessoa estar presente narrando seu passado. Os conceitos apresentados pela autora serão utilizados para compreendermos como funciona o processo narrativo, porquanto Sarlo salienta que uma narrativa não tem uma temporalidade catalogada, porque mesmo que o relato seja algo sobre o passado, assim que é narrado novamente volta a se atualizar, consequentemente, volta a existir no campo vivo.

Outro ponto que abordaremos em relação a sua obra *Tempo Passado*, é a utilidade que a narrativa tem, e que os seus instrumentos seriam o corpo e a voz, preceitos empregados diretamente nas reuniões do objeto empírico.

No capítulo “A experiência de NA dentro do Grupo da Paz”, busca apresentar o Grupo da Paz, grupo institucional de Narcóticos Anônimos que aconteceu de 1996 a 2002, no maior presídio da América Latina (na época tinha cerca de 9 mil detentos). Esse capítulo se constituirá de toda discussão

e reflexão acerca dos conceitos apresentados nos capítulos anteriores, visando mostrar como é manifestada e utilizada a narrativa, a experiência e corpo na irmandade de Narcóticos Anônimos dentro de Carandiru.

CAPÍTULO I

A COMUNICAÇÃO SOB A PERSPECTIVA SOCIOLÓGICA

A compreensão do que seria a comunicação e tudo que abrange suas concepções acerca de si, é cenário de discussões entre diversos teóricos ao longo dos anos. A comunicação tem diversas faces e cada autor aponta um direcionamento para o conceito do que é comunicação.

Entretanto, a comunicação tem por ofício propor a interação, pois é através dela que adquirimos, construímos e transmitimos conhecimento, abrangendo uma perspectiva mais contemporânea, como uma forma de nos conectarmos com o mundo e com as pessoas. Nesse sentido, os teóricos atuais abarcam seus estudos buscando conceber como essa interação ocorre, conhecer seus efeitos e delimitá-los. Mas, como dito inicialmente, cada teórico interpreta a comunicação partindo de uma deliberada direção, de acordo com a qual os fatores ideológicos, históricos e de natureza acadêmica são colocados em voga.

A comunicação existe desde que os homens vivem em sociedade, isto é, desde sempre. Desde sempre, eles produzem, trocam, sonham, combatem, organizam-se. (WOLTON, 2006, p.25)

As relações sociais decorrem da interação entre os indivíduos, criando mecanismos para interpretação de certos sinais, “qualquer coisa ao nosso redor produz sinais que podem ou não ser convertidos em componentes do processo comunicacional. Todos somos, em princípio, emissores. O tempo todo estamos emitindo sinais”, (MARCONDES, 2009, p.86), as reflexões em torno da recepção e emissão de mensagens e significados geram muitas produções intelectuais. Considerando o meio de comunicação como a forma mais direta e imediata para emissão de mensagens, o receptor, durante muito tempo, foi visualizado em segundo plano, principalmente todo o discurso que cerne a comunicação de massa, que observava a mídia como toda poderosa. Depois, com o passar do tempo essas abordagens foram discutidas, debatidas, gerando novas reflexões sobre a temática, e em determinado momento o emissor passou a ser observado além de sua passividade em receber inerte qualquer conteúdo que lhe era passado.

A partir dessa concepção, a argumentação central era justamente o que mudaria nas relações com esse emissor pensante, consciente de si, sabedor do que queria consumir.

Enfim, a comunicação e as formas de emitir mensagens mudaram, a era da cibercultura trouxe em pauta a sociedade conectada, e seus sujeitos não são somente emissores tampouco, somente receptores, conforme as formas comunicativas foram mudando, as relações humanas também acompanharam essas modificações.

Contudo, esse capítulo se propõe além de apresentar as práticas comunicativas exercidas ao longo dos séculos, também acentuar como elas foram alteradas, servindo de cenário para refletirmos sobre a irmandade de Narcóticos Anônimos no percurso dessa pesquisa.

1.1. Sociedade da memória oral

A contar do momento em que o homem riscou uma pedra para conseguir fogo, ou manipulou raízes e folhas fazendo pigmentos para escrever nas paredes das cavernas, ele já interagia com esses meios externos, que podemos também classificar como técnicas. Se entendermos que tais técnicas não eram naturalmente humanas, mas sim instrumentos que auxiliavam o homem, então, esse elo sempre foi presente.

Essa relação foi ganhando mais complexidade conforme o homem e as técnicas iam evoluindo, até que homem e técnica tornaram-se indissociáveis. Seguindo os conceitos de McLuhan (2007), que aborda propriamente essa não separatividade entre o homem e os meios de comunicação, podemos perceber que o homem é modificado pela tecnologia, muito embora como esse enunciado visa apresentar a questão da oralidade, não trataremos da temática que envolve esse subtópico em forma cronológica dos fatos, mas a partir da oralidade.

Como abordaremos no tópico 4.2, a comunicação é defendida por Baitello (2010) através da tríplice conhecida como primária, secundária e terciária, e então, percebemos que a oralidade se separa em primária e secundária.

Quando nos referimos à oralidade primária, tratamos do papel da palavra falada que ocorre anteriormente ao advento da escrita e de uma sociedade que se utiliza dessa oralidade. Contudo, ainda não aderiu em sua estrutura a escrita, ou seja, a forma de comunicação exercida é somente a oralidade. Não obstante, outro conceito surge quando pesquisamos oralidade, trata-se da secundariedade oral, que funcionaria

como um segundo estágio da oralidade, constituída, por sua vez, da palavra em junção com a escrita.

São dois momentos diferentes na história da comunicação, o primeira baseia-se somente na oralidade, segundo o qual toda a forma de sociabilidade está fundada nessa configuração de comunicação. As sociedades orais passavam seus ensinamentos e tradições somente através da oralidade, sendo a memória a única forma de armazenamento. Já o segundo grau oral, funda sua estrutura misturando-se com a escrita que é o modo de fala mais utilizado até hoje. Essa possibilidade se tornou cabível a partir do momento em que passamos a integrar a escrita em nosso cotidiano, “a palavra escrita desafia, em sequência, o que é imediato e implícito na palavra falada” (MCLUHAN, 2007, p. 97), quanto mais mediarmos, mais distantes da imediatibilidade estaremos, e a escrita é uma nova maneira de mediar a fala.

A funcionalidade oral primária é relevante, não apenas por sua praticidade e imediatibilidade, mas em razão de a memória social recorrer a esse processo primário, aprofundaremos a questão da memória em correlação com a oralidade. No entanto, precisamos compreender que a forma que armazenávamos informações, foi alterada drasticamente devido à escrita.

O homem ou a sociedade letrada desenvolve uma enorme força de atenção em qualquer coisa, com um considerável distanciamento em relação ao envolvimento sentimental e emocional experimentado por um homem ou sociedade não-letrada. (MCLUHAN, 2007, p. 97)

Os defensores da escrita dirão que as palavras se perdem no vento, entretanto, o mundo oral a que nos referimos existe antes de qualquer escrita. Isso não significa que só fomos construir história após a era da escrita, visto que as tradições e estruturas de uma sociedade não letrada, eram repassadas oralmente, sem que essas tradições fossem perdidas. Na verdade, o que se modificou foi que o armazenamento dessas informações, saíram da memória e foram para as formas escritas, “numa sociedade oral primária, quase todo o edifício cultural está fundado sobre as lembranças dos indivíduos” (LÉVY, 2006, p.77). Quando avaliamos a oralidade a partir do cunho social e cultural, concebemos que as sociedades orais elencadas na oralidade primária eram produzidas através das lembranças das pessoas.

Interessante pensar que antes da escrita, não existia foco no visual, porque somente o oral era evidenciado, portanto a inteligência nessas sociedades acontecia pelo intermédio da memória, principalmente a

memória auditiva, e isso ocorria exatamente porque a oralidade era o único canal de informação, onde todos os ensinamentos eram repassados por gerações, que somente ouviam os mais velho.

A palavra falada envolve todos os sentidos intensamente, embora as pessoas altamente letradas tendam a falar de maneira tão concatenada e natural quanto lhes é possível. (MCLUHAN, 2007, p.95)

Todavia, o letramento trouxe uma desvalorização desse saber que era transmitido oralmente, tema esse também abordado por Benjamin (2012) em *O Narrador*, baseado nisso, a oralidade perdeu credibilidade sendo caracterizada como a forma menos culta. A escrita alterou a fala devido às novas possibilidades de estruturação de conteúdos que ela permitiu, exigindo adequações da fala. Em sociedades plenamente orais, toda elaboração de espaço-tempo está diretamente ligada à memória no manuseio da linguagem, não adentraremos no campo linguístico da comunicação, mas, faz-se necessário entendermos que a parte argumentativa da linguagem é importante, pois a argumentação é um dos fatores primordiais que nos diferenciam dos animais.

A permanência da oralidade primária nas sociedades modernas, não decorre somente por efeito da oralidade secundária, seria um erro acreditar que sua utilidade só ganhou força quando se uniu com a escrita, “é esclarecedor o confronto entre a natureza da palavra falada e da sua forma escrita. Embora a escrita fonética separe e prolongue a força visual das palavras, ela o faz de maneira relativamente lenta e rude”, (MCLUHAN, 2007, p.97). Na verdade, indícios mostram que em virtude de ainda sermos orais é que a experiência humana continua sendo transmitida, independentemente da escrita e dos meios tecnológicos, razão por que o Narcóticos Anônimos buscar realizar esses processos.

É considerável analisarmos que mais da metade do que sabemos sobre a vida cotidiana e sobre nós mesmos foram transmitidos oralmente, sob a forma da narrativa, da qual fomos ouvindo, observando, vivenciando e não aprendido sob a regra dos livros, ou teorias.

Lévy (2006) acredita que a memória é um instrumento que possibilita a conservação do tempo, pois é através dela que conseguimos conservar nossas tradições, conceitos sociais, entre outros. Entretanto, em sociedades orais é importante que as memórias sejam conservadas. Logo, compreendendo que a escrita não faz totalmente parte da rotina dessa sociedade, a memória seria um dos únicos instrumentos que possibilitariam que a cultura e preceitos daquele povo sejam mantidos,

afinal se forem esquecidos, consequentemente não conseguirão ser repassados. Uma característica importante das sociedades fundadas na oralidade é que a experiência não fica restrita a um único indivíduo, ela tende a ser repassada.

[...] sobre a memória nos permitem compreender melhor como sociedades que não dispõem de meios de armazenamento como a escrita, o cinema ou a fita magnética codificaram seus conhecimentos. (LÉVY, 2006, p.82)

Pensando em sociedades que não tem outra maneira de armazenar suas experiências, o autor apresenta uma lista de como tem que ser a comunicação entre essas sociedades, para que suas tradições sejam preservadas, dada a limitação da memória humana.

O primeiro se refere às representações, pois precisam ser realizadas com interconexões entre si e que seja principalmente objetiva no que apresenta. O segundo expõe que todas essas conexões necessitam estar diretamente relacionadas a uma causa e efeito. O terceiro diz: “as proposições farão referência aos domínios dos conhecimentos concretos e familiares para os membros das sociedades em questão, de forma que possam ligá-los a esquemas preestabelecidos” (LÉVY, 2006, p.82). Portanto, tem que fazer sentido para quem está inserido dentro dessa sociedade, pois se esses aspectos forem tratados em outra sociedade não fará sentido nenhum. Dentro de NA identificaremos isso, porque os assuntos lá tratados são reconhecidos pelos membros, talvez não compreendidos por pessoas que não façam parte da comunidade e não estejam inseridas dentro da mesma vivência. Finalmente, o quarto e último tópico tratado por Lévy, “estas representações deverão manter laços estreitos com “os problemas da vida”, envolvendo diretamente o sujeito e fortemente carregadas de emoção” (2006, p.82).

Se analisarmos essas características, podemos identificar que elas se assemelham às peculiaridades do formato de Narcóticos Anônimos, objeto que apresentaremos com maior detalhamento no capítulo 2:

Dado o funcionamento da memória humana, e na ausência de técnicas de fixação da informação como a escrita, há poucas possibilidades que outros gêneros de organização das representações possam transmitir conhecimentos de forma duradoura. (LÉVY, 2006, p.82)

A cultura oral também dispõe de algumas características que ajudam a memória como a dramatização e a personalização, o autor compreende

que “as representações que têm mais chances de sobreviver em um ambiente composto quase que unicamente por memórias humanas, são aquelas que estão codificadas em narrativas dramáticas” (LÉVY, 2006, p.83).

Destaca-se que uma sociedade sem escrita não pode ser considerada irracional por ser constituída assim, apenas cria mecanismos próprios de armazenamento de informação, tal qual fazemos hoje, porém o que nos diferencia é que atualmente usamos meios externos e não somente os artifícios que nosso corpo intelectualmente permite. No que tange ao tempo da oralidade o autor enfatiza: “[...] certo tipo de circularidade cronológica é secretado pelos atos de comunicação que ocorrem majoritariamente nas sociedades orais primárias” (LÉVY, 2006, p.83), portanto, em relação ao tempo da oralidade, é o porvir, pois se atualiza a partir do momento em que é narrada novamente.

Logo, a memória oral primária está arraigada também às técnicas intelectuais, porque nada pode ser transmitido sem que seja observado, escutado, repetido, pelas pessoas ou pela comunidade, “[...] a ação e a participação pessoal onipresente contribuem, portanto, para definir o devir, este estilo cronológico das sociedades sem escrita” (LÉVY, 2006, p.84).

O objeto empírico em questão não é a comunidade sem escrita, pelo contrário, seus escritos têm muita importância, mas o que a coloca em uma posição predominantemente oral é a experiência, pois os seus escritos são todos decorrentes das experiências pessoais dos membros de NA antes, durante e depois de entrarem em recuperação. Contudo, o interessante de pensar nessas características sobre a oralidade, é compreender que a Narcóticos Anônimos se mantém o mais próximo disso possível, mesmo inserida dentro de uma sociedade cibernética.

1.2. Um brinde à modernidade

A Uma sociedade tecida em torno da oralidade permitia uma concepção de experiência que foi transformada com o advento das novas técnicas, a modernidade com a eletricidade fez as experiências entrarem em declínio. A modernidade transformou o homem especialista em novas tecnologias, conseguiu adquirir conhecimento, porém isso não o fez mais rico em experiência.

Baitello (2010) explorou essas mudanças de práticas comunicativas, a partir de uma tipologia que era dividida em três categorias (primária,

secundária e terciária), da qual a proposta era estudar os processos de mediação que ocorriam a partir do advento desses novos meios de comunicação.

Tratava-se de uma divisão desses meios, classificados em primários, secundários e terciários. Para fundamentação de tal, o autor utilizou Harry Pross (1985) que sistematizou a Teoria dos Meios de Warburg (1980), “Na comunicação primária, os participantes não contam com outros recursos senão aqueles que seu próprio corpo possui” (BAITELLO, 2010, p.62).

Entende-se que a principal característica dessa primariedade de se comunicar, é justamente a necessidade da presença, segundo a qual os participantes precisam dividir o mesmo tempo e espaço, por conta disso, é reconhecida como comunicação presencial.

Na comunicação por meios secundários, os corpos deixam marcas sobre os outros suportes, extracorporais, sendo estes suportes os portadores de mensagens até outros corpos, que estão podem estar distantes uns dos outros, por milhas e milhas ou por séculos e séculos. (BAITELLO, 2010, p. 62).

O interessante desse processo é perceber o que são essas marcas deixadas e como ocorre “Estas marcas, no princípio muito simples, vão se transformando em sistemas complexos de sinais, desde pictogramas a ideogramas ou a alfabetos, criando as diversas de formas escritas” (BAITELLO, 2010, p. 62). “Na comunicação secundária já começamos a observar a manipulação do homem em outros objetos, e não somente com os aparatos técnicos que seu corpo possui, então (as pedras, os ossos, o metal, o couro, a madeira, o papel), representam uma enorme expansão no tempo e no espaço da comunicação” (BAITELLO, 2010, p. 62).

A contar da comunicação secundária, a técnica incorporada para comunicar vem do meio externo e não somente proveniente do corpo. Já a terciária surge com a eletricidade, pois, a datar deste momento que foram criadas, as tecnologias que possibilitavam a transmissão de mensagens “todos o que querem participar de um processo de comunicação terciária necessitam o acesso (ou a posse) aos aparatos correspondentes” (BAITELLO, 2010, p. 62).

Apartir de então, foi inevitável a aquisição de aparelhos tecnológicos, posto que somente assim poderia acontecer a comunicação de um receptor com um emissor. Esse tipo de comunicação passou a ser mediado por aparelhos, cuja possibilidade só aconteceu pela construção de redes e cabamentos, justificando a responsabilidade da eletricidade.

Como apresentado no início desse tópico, Baitello (2010) procura estudar essas mudanças a partir do ponto da mediação, bem como nas mudanças do objeto mediador desses processos. O que ele trata como primária refere-se precisamente ao que trataremos como comunicação oral, já a secundária trata do advento da escrita, que abordaremos como comunicação escrita, e por último e não menos importante, a terciária que pontualmente foca-se na comunicação tecnológica, e de uma para a outra, vai acontecendo uma cumulatividade.

[...] há aí uma cumulatividade na passagem da primária para a secundária e da secundária para a terciária, a secundária contém a primária e a terciária contém a secundária e a primária. E isto não significa que a comunicação presencial seja mais simples ou mais fácil, e também não quer dizer que a comunicação terciária seja mais complexa por requerer maior número de etapas de mediações. (BAITELLO, 2010, p. 63).

MCLUHAN (2007) em suas teorias defendia que um novo meio de comunicação não anula o outro, antes vão se somando e interagindo entre si, exatamente a cumulatividade que apontamos acima.

Já Briggs e Burke (2002) realizam uma abordagem desse processo focalizando em um estudo cultural sobre as mídias, os autores sugerem que essa cumulatividade acontece pela coexistência. No entanto, em se tratando das mídias (e aqui já estamos falando da mídia no ápice da comunicação de massa) como cinema, televisão, rádio etc., existe uma competição natural entre eles, porque nesse dado momento o intuito é conseguir público, já que a contar desse processo das mídias, é que surge a discussão sobre a audiência.

É tema recorrente na história cultural que, quando aparece um novo gênero ou meio de comunicação, os anteriores não somem. O velho e o novo – por exemplo, o cinema e a televisão – coexistem e competem entre si até que finalmente se estabeleça alguma divisão de trabalho ou função. (BRIGGS; BURKE, 2002, p 53).

Nesse processo constante de novas mídias, novos meios, novos ambientes e novas formas de interação entre o homem e o meio de comunicação que fomentam a crítica de Benjamin (1987) no texto “Experiência e pobreza”, que questiona o enfraquecimento da experiência. As críticas permeiam vários títulos do filósofo que julga que a experiência sendo ameaçada, os narradores também entrarão

em extinção, pois o saber que vinha de longe dependia da narrativa para ser repassado. Sendo, pois, a narrativa compartilhada, ou seja, a comunicação era pensada no coletivo, com a modernidade os homens focaram-se em si. O autor em “O Narrador” defende que esse enfraquecimento ocorre pelo romance que dá abertura para as narrações individuais e a informação que possibilita muita explicação e pouca reflexão.

Benjamin (2012) traz outro assunto em voga: a autenticidade. De acordo com ele, seria a aura da obra de arte, mas que é alterada pela fotografia, ou seja, a modernidade. Os efeitos desses novos aparatos tecnológicos foram diversos, do ponto de vista sociológico moldou o homem para sempre, o olhar foi alterado de uma visão mítica, contemplativa para o olhar da máquina, um olhar mecânico amparado pela fotografia.

A concepção de Benjamin sobre a modernidade não é animadora, pelo contrário, sua abordagem teórica é totalmente pessimista, isso ocorre porque o autor vivenciou os dois maiores dramas da humanidade: a Primeira e Segunda Guerras Mundiais. Entretanto, tudo aquilo que era aprendido e repassado pela oralidade não fazia mais sentido em uma sociedade voltada para a técnica.

CAPÍTULO II

NARCÓTICOS ANÔNIMOS

Narcóticos Anônimos é uma irmandade anônima mundial cujo objetivo é tratar pessoas que tenham problema com drogas. Ela surgiu da divisão de outra irmandade também mundial chamada Alcoólicos Anônimos, conhecida por meio da sigla AA. Para compreendermos a história de NA (sigla de Narcóticos Anônimos) torna-se imprescindível retornarmos ao início de AA.

2.1 Histórico do alcoólicos anônimos

Alcoólicos Anônimos surgiu em 1935 nos Estados Unidos, precisamente na cidade de Ohio através de duas figuras importantes chamadas Bill Wilson e Robert Smith, conhecido como Dr. Bob. Os dois tinham contato com o Grupo Oxford, grupo este formado por pessoas que não tinham problemas com álcool e pessoas que possuíam dependência do álcool. Estas pessoas acreditavam que a recuperação aconteceria aplicando princípios espirituais à vida cotidiana, sendo assim, a organização do Grupo Oxford era gerida por um clérigo episcopal, justificando a posição sobre a espiritualidade a favor da recuperação dos que os procuravam. Bill W., um dos membros do Grupo Oxford conseguiu encontrar sua sobriedade¹ e tentava ajudar pessoas próximas a ele a se recuperar, sem muito sucesso. Bob por sua vez, não obteve sucesso com o Grupo Oxford, quando oficialmente conheceu Bill ficou impressionado em encontrar alguém que tinha conseguido ficar sem beber.

Bill tinha como convicção que o alcoolismo era uma doença da mente, do corpo e das emoções, ele teria ficado internado várias vezes em uma clínica em Nova Iorque, onde o médico chefe defendia essa

1 Sobriedade é um termo adotado para pessoas que conseguem ficar sem beber, e o tempo de sobriedade é contado conforme o indivíduo vai ficando sem beber. Ressaltando que esse termo é utilizado principalmente pelo AA, pois o Narcóticos utiliza o termo “limpo” e o cálculo de tempo limpo é o tempo que o indivíduo fica sem usar drogas de qualquer tipo, inclusive a bebida alcoólica. Fonte: <http://www.alcoolicosanonimos.org.br/sobre-a-a/informacoes-sobre-a-a>

teoria, na época não havia nenhuma confirmação sobre isso, mas Bill se convenceu dessa argumentação e nunca mais voltou a beber.

Então Bill e Bob começaram a atender alcoólatras internados no Hospital de Akron em Ohio, nessa situação um paciente logo conseguiu sua sobriedade, a partir disso, formaram-se mais dois grupos nos Estados Unidos, um em Nova Iorque, no outono de 1935, e o outro em Cleveland, em 1939. Em quatro anos, esses grupos iniciais conseguiram ajudar 100 pessoas alcoólatras a se tornarem sóbrios, não é conhecida a data correta de quando esses grupos se denominaram como a Irmandade de Alcoólicos Anônimos, porém ainda em 1939 foi lançada uma literatura intitulada como: Texto Básico de Alcoólicos Anônimos, o livro escrito por Bill expunha a filosofia e também os métodos do AA. Esses métodos deram origem ao programa conhecido como os “Doze Passos de recuperação”, que é utilizado por centenas de irmandades ao redor do mundo. Ainda em 1939, publicaram diversos artigos sobre o A.A no jornal Cleveland Plain Dealer evidenciando a irmandade. O Grupo de Cleveland composto por pouco mais de 20 companheiros começou a crescer consideravelmente e em poucos meses os membros já ultrapassavam a marca de 500 pessoas. Vale mostrar que o crescimento da irmandade acontecia sempre posterior aos artigos publicados sobre AA.

Devido as publicações do jornal Cleveland Plain Dealer e da revista Liberty no ano de 1939, mais de 800 pedidos de ajuda chegaram até os membros do AA, fazendo a irmandade chegar até o final daquele ano com mais de 2.000 membros.

Em 1941 o jornal “Saturday Evening Post” publicou outro artigo bem positivo e a reação foi o crescimento de membros para 6.000, fazendo a irmandade chegar no Canadá. Em novembro de 1950, ano em que Bob faleceu, a irmandade já era mundial, ou seja, os grupos de AA já estavam ao redor do mundo e tinham cerca de 100 mil membros sóbrios. Bill faleceu em janeiro de 1971 em Miami Beach, Florida, trinta e seis anos após a irmandade ser formada.

Com o crescimento da irmandade os AA foram criando identidade, lançando mais literaturas sobre o programa de Doze Passos, que foram expandidos para Doze Tradições e os Doze Conceitos. Como o foco dessa pesquisa é NA trataremos desses passos, conceitos e tradições sob ótica do Narcóticos Anônimos nos próximos capítulos.

2.2 Surgimento e expansão de narcóticos anônimos

Em julho do ano de 1953 no sul da Califórnia surgia Narcóticos Anônimos, em toda sua literatura ou sites oficiais não se conta como esse processo aconteceu, nem os nomes dos responsáveis pelas primeiras reuniões. Este fato torna-se aceitável partindo do pressuposto do anonimato, está é uma das maiores diferenças entre NA e AA, pois ao contrário dos Narcóticos Anônimos, os Alcoólicos Anônimos não tratam o anonimato de forma tão acentuada, porque na literatura do AA ou site encontramos os nomes dos membros, com os quais aconteciam palestras com os membros mais velhos, algo que em Narcóticos Anônimos não acontece.

Desde sua criação, a Narcóticos Anônimos cresceu rapidamente, e logo espalhou-se por várias cidades dos Estados Unidos, a separação de Alcoólicos Anônimos foi necessária, pois membros que usavam drogas² sentiam falta de um programa de recuperação focado em usuários de drogas e então NA apareceu com essa proposta.

Os Doze Passos de Narcóticos Anônimos, conforme adaptamos de AA, são a base do nosso programa de recuperação. Apenas ampliamos a sua perspectiva. Seguimos o mesmo caminho, com uma única exceção: nossa identificação como adictos inclui toda e qualquer substância que modifique o humor ou altere a mente. Alcoolismo é um termo limitado demais para nós. (TEXTO BÁSICO, 2015, p.1)

Com a chegada dos primeiros membros, surgiu a necessidade de uma literatura para fortalecer a estrutura da irmandade e em 1962, foi publicado o livreto branco de Narcóticos Anônimos com a intenção de apresentar a irmandade para os novos membros e para pessoas que estavam interessadas em saber mais sobre eles.

Nesse momento havia pouca estrutura e o fluxo de membros era instável. Com isso, em 1972 N.A abriu, em Los Angeles, o WSO (World Service Office) que é um escritório mundial de serviço: “A abertura do WSO estabilizou o crescimento da Irmandade. Hoje, há adictos em recuperação e milhares de reuniões por todos os EUA e em muitos outros países”. (TEXTO BÁSICO, 2015, p.XXI).

2 Segundo a Organização Mundial de Saúde(OMS), droga é qualquer substância que, introduzida no organismo interfira em seu funcionamento. Já NA por sua vez, entende que droga é qualquer substância que altere mente e humor, em resumo trata-se de drogas ilícitas e lícitas como remédios controlados por exemplo.

O livro inicial para compreender a estrutura de N.A é o Texto Básico de Narcóticos Anônimos, esta literatura passou por uma revisão em 2015 sendo traduzida do inglês para o português no final do mesmo ano. Essa revisão foi necessária por vários aspectos, mas em sua introdução a própria irmandade faz seus apontamentos: “Em 1982, o ano que a Conferência Mundial de Serviço aprovou o Texto Básico, havia em torno de 2.700 reuniões semanais de NA; hoje há mais de 63.000. [...] Agora, N.A está em 132 países e nós falamos em 77 línguas. O próprio Texto Básico está traduzido em 24 idiomas³ .” (TEXTO BÁSICO, 2015, p.XVII).

2.3 Narcóticos anônimos no Brasil

A data específica da primeira reunião de Narcóticos Anônimos em território nacional é incerta, a causa disso ocorre porque no Brasil, desde 1976 já existiam grupos de dependentes químicos que utilizavam a literatura de Narcóticos Anônimos em português de Portugal. Esses grupos eram chamados de Toxicômanos⁴ Anônimos e tinham o mesmo propósito de NA, existem membros dentro da irmandade que vieram dessa época e em 1990 eles se uniram à NA.

Anteriormente a essa junção de Toxicômanos e Narcóticos Anônimos, havia apenas dois grupos instalados oficialmente como irmandade no Brasil, que foram instalados em São Paulo e Rio de Janeiro em 1985.

Em 1996, inicia o trabalho junto aos detentos do Carandiru (Casa de Detenção de São Paulo, maior presídio da América Latina), assunto este que será abordado com foco no próximo capítulo.

NA teve muitos problemas na construção de uma unidade, mas isso ocorria porque o maior aparato de apoio para os membros, as literaturas e manuais, não tinha ainda tradução em português.

De qualquer forma, em todos os outros lugares do mundo que NA chegou, seu crescimento foi quase imediato. Atualmente, em solo brasileiro a Narcóticos Anônimos conta com cerca de 1.592⁵ grupos,

3 Segundo o próprio livro os dados apontados são de 2014, pois os números são atualizados a cada Conferência Mundial.

4 Toxicômano segundo o dicionário é o uso habitual e excessivo de substâncias tóxicas.

5 Dados correspondentes ao relatório anual realizado pela irmandade em seu site <http://www.na.org.br/relatorio>

divididos em 9 regiões, totalizando aproximadamente 4.351 reuniões mensais, somente em São Paulo existem 259 grupos.

2.4 Literatura de narcóticos anônimos

A principal literatura de NA é o “Texto Básico”, esse material já foi traduzido em 24 idiomas⁶, ele é considerado um dos pilares mais importantes na divulgação e crescimento da irmandade. Talvez, seu diferencial seja o tipo de abordagem utilizado no texto, sem contar que todos os capítulos exemplificam como funciona a irmandade.

Contudo, o “Texto Básico” não é a única literatura de NA, pelo contrário, Narcóticos Anônimos tem uma ampla bibliografia, que busca além de divulgar o programa, obter mais membros, fora os folhetos de informações ao público que são partes menores extraídas de sua literatura, na maioria das vezes são temáticas abordadas pelo “Texto Básico”, que, como já apontado, é um dos principais meios de divulgação.

Toda e qualquer literatura passa pela Conferência de Serviço Mundial de NA, e é somente nessa conferência que é decidido o que entra e o que sai como literatura oficial. Havia anteriormente um conselho interno dentro do Escritório Mundial de Serviço onde os membros mais antigos escreviam os custódios. Basicamente eles recebiam reclamações, sugestões, cartas de vários grupos ao redor do mundo e emitiam boletins mensais a respeito de todo e qualquer conflito em Narcóticos Anônimos. Este formato demonstra o quanto a escrita também tem importância para a manutenção das tradições e, consequentemente, da irmandade.

Esses boletins funcionavam como um parecer da irmandade sobre suas questões externas e internas, porém mais ou menos em 2005 foi criado um quadro único mundial, que ficou responsável por essas emissões de boletins.

Foi debatido por mais de dez anos internamente, sobre quem poderia participar da tomada de decisões da irmandade e foi decidido através de votação⁷ que os RSG’S fariam isso.

6 Os dados são de maio de 2014 e são atualizadas a cada edição do Texto Básico.

7 Todos os encargos de Narcóticos Anônimos, bem como qualquer pauta é votada pelos membros. Essa votação é feita de maneira simples, que é o maior número de votos. Dentro do Grupo todos os membros podem votar, desde que participem da reunião de serviço, já se tratando da Área (que são responsáveis por todo o grupo de uma determinada região) só quem vota são os RSG’s que são membros responsáveis

UMA NARRATIVA DE EXPERIÊNCIA COMUNICATIVA:
Estudo de caso sobre as formas comunicativas praticadas pela comunidade de
Narcóticos Anônimos através do Grupo da Paz.

Os RSG's⁸ são os únicos membros votantes nas reuniões dos Comitês de Serviço de Área (CSA); RSA's são os únicos membros votantes nas reuniões dos Comitês de Serviço Regional (CSR)...” foi substituído por, “Embora diretrizes individuais de área e região variem em relação a quais participantes podem votar... (BOLETIM DE CUSTÓDIOS Nº 23).

Porém, o teor dessa regra gerou diversas discussões calorosas entre os membros que discordavam dessa política interna e foram encaminhadas ao Comitê Mundial de Serviços inúmeras moções⁹, que visavam derrubar essa pejorativa. As moções foram passadas em várias Conferências, contudo, todas as vezes recusadas.

O processo de maneira resumida funciona da seguinte forma: por exemplo, uma nova literatura de NA é aprovada pelos Delegados Regionais (DR's) na Conferência Mundial de Serviços, somente após estes terem recebido orientações dos grupos a que representam. Igualmente, “propostas de mudanças nos Doze Passos de NA, Doze Tradições, nome, natureza ou propósito primordial devem ser aprovadas diretamente pelos grupos¹⁰”, antes que possam ser efetivadas, de acordo com nosso Segundo Conceito. Os grupos mantêm contato com o resto de Narcóticos Anônimos através de representantes selecionados para participar em prol dos grupos dentro da estrutura de serviço. Correspondência do WSO, inclusive a revista trimestral *The NA Way Magazine*, mantém os grupos informados sobre assuntos que afetam a Irmandade mundial.

Portando, a distribuição ou acesso às literaturas de NA ocorrem da seguinte forma, ou dentro de um grupo de NA, ou na área de serviço deles, ou via site (mas não tem todas as literaturas), ou seja, é algo bem centralizado dentro da própria irmandade, então toda distribuição é feita pelo próprio NA.

Assim, a estrutura de publicações de NA foram centralizadas pelo CMS (Comitê Mundo de Serviço), no caso do Inventário do Grupo da

pela comunicação da Área com o Grupo. Já o RSG da Área é o braço da comunicação da Região com o Área, e o RSG da Região é responsável pela comunicação da Região com o mundial.

8 Dados retirados do Quadro de Custódios do Serviço Mundial boletim número 23, disponível <http://www.na-pt.org/boletins/bol23.php> site de Narcóticos Anônimos de Portugal.

9 Moções é uma emenda solicitada em alguma regra, ou procedimento de N.A, as moções são geralmente pautas levantadas no Grupo, repassadas e votadas pela Área para depois ser encaminhada para o CMS (Comitê Mundial de Serviço).

10 Dados retirados do Quadro de Custódios do Serviço Mundial, boletim número 26, disponibilizado <http://www.na-pt.org/boletins/bol26.php> site de Narcóticos Anônimos de Portugal.

Paz, grupo que aconteceu no Carandiru de 1996 e 2002, foi encaminhado para o CMS a fim de ser introduzido como livreto oficial de NA, o mesmo ainda encontra-se em processo de oficialização, mas o parecer preliminar é que talvez esse material vire um manual de serviço, usado como experiência para outros grupos institucionais¹¹ no mundo.

As literaturas de Narcóticos Anônimos são oriundas das experiências de seus membros com acontecimentos dentro da irmandade e todos os processos que envolveram sua recuperação.

A importância da presença da literatura dentro da irmandade é o que dá sustentação ao seu modelo de funcionamento, bem como de assegurar que a irmandade não fuja de suas Tradições e Conceitos.

Esses registros, que são as literaturas oficiais, possibilitam a expansão controlada e afinada com todos os objetivos da irmandade e como essas práticas são realizadas, de uma forma ou de outra, tudo relacionado a parte escrita de Narcóticos Anônimos tem de passar por aprovação do Mundial.

Abaixo encontra-se um organograma de como funciona a distribuição das literaturas de NA. Em todo o mundo, o processo ocorre da mesma forma, compreendendo que a irmandade cria um padrão em tudo que faz, essa forma de estruturação é realizada em todas as estruturas de Narcóticos Anônimos, pois essa padronização permite que a estrutura continue sempre a mesma.

Figura 1: Organograma de distribuição da literatura de NA



Fonte: GOMES, 2017.

A literatura de Narcóticos Anônimos percorre um caminho longo até chegar nas mãos dos membros. Primeiramente ela é editada e impressa no NAWS (Serviços Mundiais de Narcóticos Anônimos), parte responsável por controlar todo editorial de NA, então o CSR

¹¹ Grupo Institucional são grupos dentro de hospitais, penitenciárias, ou clínicas de reabilitação.

(Comitê de Serviço Regional) compra essa literatura, que logo após é adquirido pelo CSA (Comitê de Serviço da Área); o Grupo compra sua literatura e o membro por sua vez, compra dentro do Grupo.

A literatura da irmandade tem vasta importância, porque é através dela que Narcóticos Anônimos busca manter seu formato de comunidade, toda hierarquia é legitimada por essa literatura, apoiada nas Tradições e Conceitos fundados da experiência narrativa de anos e anos de recuperação de seus membros.

Quanto mais tempo de irmandade, maior será sua experiência e além das reuniões, palco onde a narrativa tem espaço principal, a literatura tem como objetivo discutir todas as questões internas de NA e se adaptar a novas experiências. Prova disso é a reformulação do *Texto Básico* (2015), que incluiu partilhas de membros, coisa da qual não continha na sua primeira edição.

2.5 Estrutura de narcóticos anônimos

Um grupo de Narcóticos Anônimos exige diversos servidores de confiança para fazer a irmandade continuar se desenvolvendo e crescendo. A estrutura de NA não é complexa, mas é bem grande.

Buscaremos apresentar como essa estrutura funciona a partir do grupo, demonstrando quais são os encargos competentes, discorrendo posteriormente pelas áreas, até chegar na “ponta do iceberg”, que é o grupo mundial.

Arrumar a sala, comprar literatura, convidar oradores, limpar a sala depois da reunião, pagar as contas, preparar café — a maioria das coisas que um grupo de NA faz é basicamente simples. Mas, se uma pessoa tivesse que fazer tudo sozinha, todas estas coisas simples a sobrecarregariam. É por isto que o grupo elege servidores de confiança: para ajudar a dividir o serviço entre os membros do grupo. (LIVRETO DO GRUPO, 2009, p.12)

O grupo necessita de alguns encargos para funcionar em todas as suas funções. N.A acredita que eleger servidores de confiança fortalece a recuperação de seus membros. Isso ocorre, porque o pilar primordial do programa de Narcóticos Anônimos são as reuniões, eles dizem que o coração de NA pulsa quando dois ou mais adictos compartilham sua recuperação (APADRINHAMENTO, 2005, p.1)

Os quatro encargos¹² que constituem os servidores de confiança de um grupo são: secretário, tesoureiro, RSG¹³ e RSG suplente. Essa eleição acontece dentro da reunião de serviço do grupo, onde o coordenador da reunião lê os encargos que estão em aberto, explicando o que cada encargo tem como responsabilidade, bem como o tempo que o candidato deverá ficar com o cargo votado.

Alguns grupos determinam um “tempo limpo” específico para cada encargo, visando não atrapalhar a recuperação dos recém-chegados, ou até mesmo para assegurar que o eleito conheça todos os Conceitos e Tradições da irmandade.

Das responsabilidades do secretário são: manter a lista de reuniões do grupo atualizadas na área que o corresponde, notificar a área sobre qualquer alteração tanto de endereço quanto de mudança de horários das reuniões, arrumar as literaturas de N.A na mesa de reuniões, distribuir para os servidores do grupo a The N.A Way Magazine, boletins e demais informações coerentes às reuniões. Fica também responsável pela distribuição de café ou chá nas reuniões para os presentes, a limpeza da sala, abertura e fechamento. Alguns grupos possuem outras especificidades nas reuniões, como pessoas que detêm a responsabilidade de abrir as reuniões, isso acontece prioritariamente com os grupos que tenham muitas reuniões diárias, ficando o secretário encarregado apenas de cobrir reuniões que não tenham coordenadores. Já nas reuniões de serviço, o secretário tem como meta passar relatórios sobre o grupo, nesses relatórios ficam os dados de quantas reuniões tiveram mensalmente naquele grupo, qual a média de presença, quantos membros ingressaram, quantas trocas de ficha e qual a média em percentual da contribuição dos membros.

O tesoureiro por sua vez tem como dever: contar o dinheiro de contribuição dos membros em cada reunião, sempre amparado pelo coordenador da reunião, que confere os valores anota na ata da reunião, e informa a todos os participantes ao final da reunião. São encarregados também de pagar as contas, como água, luz, despesas adicionais como café, açúcar, e pagar o aluguel do grupo. Ele necessita apresentar um relatório mensal na reunião de serviço sobre cada centavo que entra e sai do grupo, tendo que comprovar todos os gastos. Outro fato atribuído

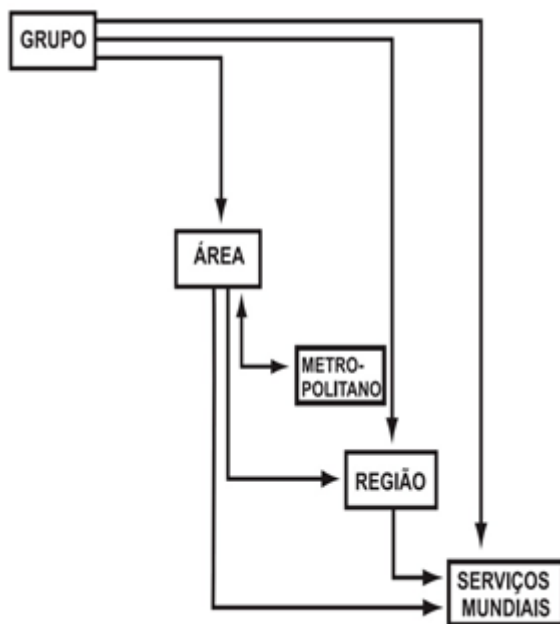
12 Encargos são os cargos ocupados pelos membros de NA, para cada encargo existe um manual de afazeres dentro de fora do grupo, dependendo para qual encargo o membro irá se candidatar, pois existem encargos dentro do grupo, dentro da área, dentro da região e dentro do mundial.

13 Rsg é o Representante de Serviço de Grupo, e para este encargo existe um suplente.

ao tesoureiro é o repasse do dinheiro que o grupo recebe durante o mês. Mesmo que a irmandade seja sem fins lucrativos, é mantida pela contribuição voluntária dos membros.

A figura 2 abaixo, mostra como funciona o fluxograma do repasse do dinheiro de Narcóticos Anônimos para a área e para o mundial. Para melhor entendimento buscaremos apresentar que o grupo geralmente é em algum bairro, a área é a responsável pelos grupos desses determinados distritos, o metropolitano por sua vez é o intermédio da área para a região, exemplo: Metropolitano (Santo André), Área (Grande ABCD), Região (São Paulo), Mundial (Van Nuys, Califórnia)

Figura 2: Fluxo de fundos.



Fonte: Narcotics Anonymous World Services (Livreto do Grupo), 2009.

Se tratando do dinheiro, os grupos podem doar diretamente para cada nível de serviço. A “área” repassa seu dinheiro ao “metropolitano”, que se por ventura exceda dinheiro, deverá retornar para “área”. Já as “áreas”, podem doar os valores excedentes diretamente para a “região” ou para os serviços mundiais, assim como a “região” repassa diretamente para os serviços mundiais.

A maioria dos encargos do grupo são de seis meses, sendo a do tesoureiro de doze meses, e por ser um encargo que necessita lidar com dinheiro, os membros que se candidatarem precisam automaticamente ter uma vida financeira estável e que sejam bons com suas finanças pessoais.

O RSG e o RSG suplente têm como dever representar o grupo no serviço da irmandade. Eles possuem influência ativa nas discussões dentro da estrutura de serviço e realizam isso através da participação nas reuniões do comitê de serviço de área, o (CSA), fóruns e assembleias da área e região. Ao contrário do que o nome diz, o RSG suplente deverá acompanhar o RSG em todos os processos da irmandade, tendo a função complementar do cargo, com as mesmas responsabilidades, mas como o NA possui muitas formas de serviço, um único membro não teria tempo hábil de frequentar todos os comitês de serviço, os RSG'S são a ligação do serviço com o grupo de Narcóticos Anônimos.

Depois do grupo, vem os CSA (Comitê de Serviço de Área), é nesse espaço que acontecem as reuniões de todos os subcomitês de serviço de NA, o dinheiro que entra dentro do grupo tem a responsabilidade de custear todos os gastos do grupo e o que resta é repassado para a “área”, visando contribuir com a unidade da irmandade, entendendo que a “área” também possui seus gastos fixos, entretanto, quem mantém a “área” são só grupos.

Acima da “área” existe a estrutura do CSR (Comitê de Serviço Regional), que cumpre todas as demandas da irmandade dentro da região que é estabelecida. Quem custeia o comitê regional é a “área”.

Seguindo o rastro do dinheiro que entra no N.A, funciona assim: o dinheiro que entra no grupo é repassado à “área”, que faz o repasse diretamente para “região”, já o repasse para o “mundial” pode tanto ser feito pela “região”, ou pela “área” diretamente. Abaixo descrevemos os encargos necessários dentro do grupo, “área” e “região”.

Grupo: RSG, RSG Suplente, Tesoureiro, Secretário, Coordenador de Reunião.

CSA (Comitê de Serviço de Área): Estruturado em MESA: Coordenador, Vice coordenador, Secretário, Tesoureiro, MCR, MCR Suplente, Coordenadores dos subcomitês.

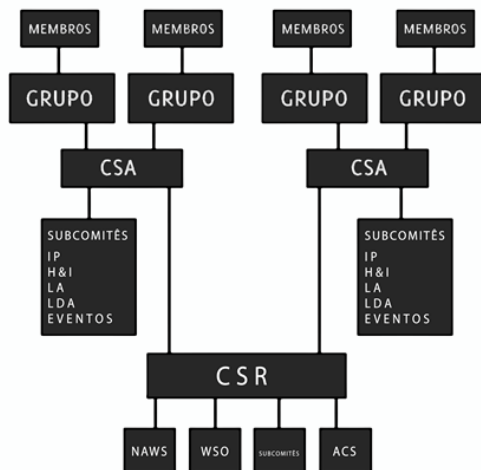
CSR (Comitê de Serviço Regional): Coordenador, Secretário, Tesoureiro, DR, DR Suplente, Coordenadores dos subcomitês.

A figura 3, abaixo, resume o organograma da irmandade em relação a toda sua estrutura, iniciando pelos membros que seriam o primeiro braço de NA. Os membros não foram colocados em primeiro lugar nesse organograma, pois a literatura defende que foram os membros

que fundaram a irmandade. O surgimento de N.A aconteceu através da primeira reunião, então, os membros são mais importantes, porque foi após a chegada dos primeiros membros que começaram a estruturar os primeiros grupos, justamente por isso, que o grupo aparece logo após, e não antes. Então após os membros, passamos pelo Grupo, depois Área (CSA), sucessivo dos Subcomitês (que são os comitês e serviços de Narcóticos Anônimos), que tem o comitê de Informação ao Público (IP), os Hospitais e Instituições (H&I), o comitê de Longo Alcance (LA), o Linha de Ajuda (LDA) e por último o comitê de Eventos. Depois o organograma chega na “Região”, que posteriormente se divide em quatro frentes que são: os Serviços Mundiais de Narcóticos Anônimos (NAWS), o Escritório Mundial de Serviço (WSO), os Subcomitês Mundiais (responsáveis pela coordenação mundial de todos os subcomitês da irmandade), e a Associação para Comitês de Serviço (ACS).

A estrutura de NA faz com que todos os processos da irmandade passem por todas as estâncias organizacionais, fazendo com que nenhuma decisão seja tomada de forma isolada, ou seja, a decisão tomada no NAWS chega até o membro e isso ocorre porque a estrutura de Narcóticos Anônimos acontece em cadeia.

Figura 3: Estrutura de Narcóticos Anônimos.



Fonte: <https://csrrio.wordpress.com/servicos/estrutura-de-servicos/>

2.5.1 Comitês de serviços

Buscando cumprir seu propósito primordial, que é levar a mensagem ao adicto que ainda sofre, o grupo Narcóticos Anônimos dispõe dos comitês de serviço, que viabilizam entre tudo, a expansão e divulgação da irmandade, e claro, o serviço também tem como meta encontrar mais membros. E para que isso seja possível, existem cinco subcomitês.

Linha de ajuda: o objetivo é conduzir o potencial membro a uma reunião, tirar dúvidas de membros e familiares, e direcionar questão e serviços da irmandade aos comitês responsáveis, e esse contato acontece através do telefone.

Relações Públicas: esse subcomitê fica incumbido de informar ao público sobre a existência de NA, e isso decorre através de painéis em empresas, faculdades, igrejas etc. Para ajudar na divulgação, os membros da irmandade também colam cartazes pela cidade.

Longo Alcance: o longo alcance funciona como um guardião das Tradições e dos Conceitos de NA, é deles a responsabilidade de conscientização dos membros, dos comitês de serviço e das áreas sobre a importância do serviço dentro da irmandade.

Hospitais e Instituição (H&I): os participantes do subcomitê de H&I levam a mensagem de recuperação para adictos que não podem ir até uma reunião. Então, realizam painéis dentro de clínicas, hospitais, prisões, centros de recuperação e comunidades terapêuticas.

Eventos: como o próprio nome já diz, esse subcomitê realiza todos os eventos internos de NA.

2.6 A doença da adicção

Para o grupo Narcóticos Anônimos, seus membros sofrem de uma doença incurável, progressiva e se não tratada, pode ser fatal. Existe uma discussão se adicção é uma doença, profissionais das áreas de medicina, religião, psiquiatria, legislação entre outros, tem suas próprias determinações sobre o que seja a adicção, utilizam-se de termos que são apropriados para suas áreas de atuação, e o NA o faz da mesma maneira, já a irmandade busca tratar a adicção como uma doença.

Desse modo, NA assim como AA, descreve a doença da seguinte forma “a adicção é uma doença que envolve mais do que o uso de drogas. Alguns de nós acreditam que a nossa doença já estava presente muito antes de termos usados pela primeira vez” (TEXTO BÁSICO,

2015, p.3), o que muda é que o AA desenvolveu um programa de recuperação para tratar pessoas com problemas com álcool e NA para pessoas que a droga se tornou um problema maior.

A adicção¹⁴ para os membros da irmandade vai além do uso de drogas, pois o uso de substâncias que alteram a mente e o humor é apenas o estopim, ou seja, eles acreditam que a doença é algo mais profundo, que possui relação de como o indivíduo lida com a vida. Portanto, a adicção é uma doença que envolve todos os âmbitos da vida do indivíduo.

Com a classificação da adicção como doença pela OMS algumas discussões foram encerradas, pois ao se admitir se tratar de uma doença, não há qualquer indício de deficiência moral.

Um aspecto da nossa adicção era a nossa incapacidade de lidar com a vida como ela é. Experimentávamos drogas e combinações de drogas, tentando lidar com um mundo aparentemente hostil. Sonhávamos encontrar uma fórmula mágica que resolvesse o nosso maior problema – nós mesmos. (TEXTO BÁSICO, 2015, p.4)

Por ser uma doença incurável, a detenção tem de ser total e definitiva, portanto o intuito das reuniões é buscar a abstenção de drogas para sempre. É evidente que eles não pregam a cura, pois o programa é diário e tudo que se tem hoje não pode ser garantido até o fim da vida.

As experiências dos membros mostram que muitas pessoas voltam a usar drogas, por isso os membros nunca podem deixar de ir as reuniões, acreditando que a recuperação é um processo contínuo.

Começamos a tratar a nossa adicção não usando. Muitos de nós procuraram respostas, mas fracassaram em encontrar qualquer solução adequada, até que encontramos uns aos outros. Ao nos identificarmos como adictos, a ajuda se torna possível. Podemos ver um pouco de nós mesmos em cada adicto e ver um pouco deles em nós. Tal compreensão permite que ajudemos uns aos outros. Nosso futuro parecia sem perspectiva, até que encontramos adictos limpos, dispostos a partilhar conosco. A negação da nossa adicção nos manteve doentes, mas a nossa honesta admissão da

14 A OMS (Organização Mundial de Saúde) reconhece a adicção que significa escravidão, viciado, dependência, e ela é identificada no CID 10(Classificação Internacional de Doenças) que vai de F.14 ao F 19, que basicamente classifica a adicção como transtornos mentais e comportamentais devido ao uso de drogas, múltiplas drogas, ou uso de substâncias psicoativas.

adição nos possibilitou parar de usar. Os companheiros [...] disseram que tinham aprendido a viver sem drogas. Se eles conseguiram, nós podemos conseguir. (TEXTO BÁSICO, 2015, p.8).

A doença da adicção tem como sintomas: compulsão e obsessão. A irmandade defende que é possível somente a recuperação, não a cura, e para recuperação se tornar real é necessário seguir os 12 passos propostos pelo programa de Narcóticos Anônimos.

2.6.1 Quem é o adicto?

Essa é uma pergunta importante e na intenção de respondê-la, Narcóticos Anônimos destinou um capítulo inteiro de sua principal literatura, trata-se do Texto Básico (2015), para esclarecer essa questão. O adicto é um sujeito que é controlado psicologicamente e fisicamente pela droga, todos os seus pensamentos e rotinas giram em torno de conseguir usá-la.

A maioria de nós não precisa pensar duas vezes sobre esta pergunta. NÓS SABEMOS! Toda a nossa vida e nossos pensamentos estavam centrados em drogas, de uma ou de outra – obtendo, usando e encontrando maneiras e meios de conseguir mais. Vivíamos para usar e usávamos para viver. Resumindo, um adicto é um homem ou uma mulher cuja a vida é controlada pelas drogas. Estamos na garra de uma doença contínua e progressiva, que termina sempre da mesma maneira: prisões, instituições e morte. (TEXTO BÁSICO, 2015, p.3)

O mais interessante é que não se trata de um questionário de perguntas e respostas que qualifica se a pessoa é ou não adicta, é somente um texto descritivo que busca traçar um perfil geral de como um sujeito que tenha problema com drogas age. Mas existem distinções, não existe um perfil pronto desse adicto, e procurando não cair em um estereótipo, o Texto Básico (2015) passou por uma atualização e deu voz a adictos que não necessariamente passaram pelos mesmos processos adictivos, descritos na literatura de NA. [...]“à medida que nossos membros se mantêm limpos por dez, vinte, trinta e mais anos, nossa irmandade tem

cada vez mais experiência em lidar com desafios que vão além de (não usar a primeira dose)” (TEXTO BÁSICO, 2015, p.XVII).

Não usar haja o que houver, é um dos maiores desafios dos recém-chegados¹⁵, isso ocorre por vários motivos, mas em suma, a maioria das pessoas que chegam à irmandade, são pessoas que já estão no “fundo do poço”. E como esse processo também é individual e por consequência relativo, é bem pontuado que cada pessoa tem um limite diferente, o que faz uma pessoa parar de usar não são necessariamente os mesmos motivos que faz a outra, porém existem sim coincidências em um ponto ou outro na vida de cada membro. Abordando diretamente este assunto, a literatura de NA diz: “Todos nós temos diferentes graus de tolerância a dor. Alguns adictos precisaram ir a extremos maiores que outros. Alguns de nós acharam suficiente perceber que estavam usando drogas com muita frequência, e isso estava afetando sua vida diária” (TEXTO BÁSICO, 2015, p.7).

Como abordado anteriormente, a doença da adicção não tem sintomas, às vezes não identificados facilmente, mas o fato é, a evolução desse quadro é progressiva:

No início, usávamos de um modo que parecia social ou, pelo menos, controlável. Havia poucos indícios do desastre que o futuro nos reservava. Em algum momento, nosso uso se tornou incontrolável e antissocial. [...] Esse ritmo de decadência varia de adicto para adicto. Independente de levar anos ou dias, o caminho é sempre descendente. Aqueles de nós que não morrem da doença vão para prisão, instituições psiquiátricas, ou para a completa desmoralização, à medida que a doença progride. (TEXTO BÁSICO, 2015, p.7)

De qualquer forma, a pergunta sobre quem é um adicto deverá ser respondida individualmente, não cabe a nenhum outro membro o julgamento sobre quem deve ser membro ou não, visto que o único requisito para ser membro é o desejo de parar de usar.

2.7 O programa de narcóticos anônimos

O programa do grupo Narcóticos Anônimos é pensado de modo simples, segundo o qual o sujeito não necessita de muitas premissas

15 Recém-chegado é o membro novo, pessoas que acabaram de ingressar na irmandade.

para iniciar sua recuperação, notório para quem não o segue, pois segundo a irmandade, abster-se de drogas não é uma tarefa fácil, mas independente do processo individual que tende a ser complexo, o programa em si é perceptivelmente descomplicado.

Como apontado no início do capítulo, este programa foi desenvolvido pelo grupo Alcoólicos Anônimos e foi alterado por NA para melhor adequar suas necessidades.

NA é uma irmandade ou sociedade sem fins lucrativos, de homens e mulheres para quem as drogas se tornaram um problema maior. Somos adictos em recuperação, que nos reunimos regularmente para ajudarmos uns aos outros a nos mantermos limpos. Este é um programa de total abstinência de todas as drogas. [...] Nosso programa é um conjunto de princípios escritos de uma maneira tão simples, que podemos segui-los nas nossas vidas diárias. O mais importante é que eles funcionam. (TEXTO BÁSICO, 2015, p.10)

O programa não se restringe somente aos doze passos, em suma, sua totalidade ocorre pela junção de conceitos, passos e as tradições, que serão explorados nessa pesquisa em tópicos posteriormente.

Ninguém paga mensalidade, ou taxas para se tornar membro da irmandade NA, a dor segundo eles já foi um preço alto e esse valor não foi pago individualmente, já que a adicção não causa dano somente a quem usa, mas também a todo círculo de convivência do dependente.

Narcóticos Anônimos seguem seus conceitos, tradições e passos fundamentados na experiência vivenciada por membros mais antigos que ajudaram a trilhar a história da irmandade, e da partilha deles.

Narcóticos Anônimos tem muitos anos de experiência com, literalmente, centenas de milhares de adictos. Esta experiência direta em todas as fases da doença e da recuperação é de um valor terapêutico sem paralelo. Estamos aqui para compartilhar livremente com qualquer adicto que queira se recuperar [...] Encontramos esperança através das experiências compartilhadas livremente. Se o programa funcionava para elas, funcionaria para nós. (TEXTO BÁSICO, 2015, p.11)

Dentro da perspectiva dos membros a mensagem de recuperação de NA, é o que torna o programa realmente eficaz, esse feito é atribuído pela experiência dos membros, isto é, eles se utilizam de ferramentas

(o programa), que os auxiliam em todo curso da recuperação do início ao fim. Outra parte de importante concepção são os custódios¹⁶, que é utilizado como base para tudo que NA faz.

Entretanto, para o programa ser vivenciado é necessário a reunião, pois são nas reuniões que as histórias individuais são partilhadas para todos os presentes: “Observamos, escutamos e percebemos que eles encontraram uma maneira de viver e desfrutar a vida sem drogas” (TEXTO BÁSICO, 2015, p. 12), até o lançamento da edição revisada do “Texto Básico”, a literatura de NA se restringia a basicamente responder algumas perguntas como: o que é a doença da adicção, quem é um adicto, o que é o Programa de Narcóticos Anônimos e como acontece a recuperação. Todavia, para partilhar suas experiências os membros precisam se deslocar para alguma reunião.

2.8 Os doze passos de recuperação de NA

Os passos de NA estão presentes em várias literaturas, no “Texto Básico” são expostos todos os passos, para depois estes serem tratados separadamente. No caso do membro que queira trabalhar os passos com seus padrinhos e madrinhas¹⁷, existe uma literatura específica chamada *Guia para trabalhar os passos*¹⁸.

Cada capítulo inclui a narração e perguntas. A narração visa provocar

16 O Quadro de custódios de Narcóticos Anônimos é um conselho interno do escritório mundial. A cada pauta discutida por esse conselho, é publicado um parecer que é nomeado como custódios. Tudo dentro da irmandade é pautado dentro desses escritos, o formato de uma reunião dá a partir de um custódio, se uma literatura é ou não oficial, revisão de literatura, opiniões do conselho sobre questões alheias, tudo é passado pelo escritório mundial e respondido por esses custódios.

17 Apadrinhamento é a nome dado a relação dos membros mais velhos com os mais novos. O membro que chega é aconselhado a escolher uma pessoa que esteja mais tempo na irmandade para auxiliá-lo em sua recuperação. É aconselhado que homens sejam amadrinhados por homens e mulheres que sejam amadrinhadas por mulheres, isso ocorre para impedir o que o propósito da recuperação se perca.

18 O texto partiu da própria Irmandade de Narcóticos Anônimos nos anos 80, devido à alta demanda por solicitação dos próprios membros. Os diversos pedidos fizeram o pedido ingressar no topo da lista de prioridades do Comitê de Literatura da Conferência Mundial de Serviço de NA (WSCLC) e fez com que a Conferência Mundial de Serviço (WSC 95) recomendasse ao WSCLC para construir o “Guia para Escrever os Passos” que foi o título do livro por muitos anos, porém, foi reconhecido que a palavra “escrever” poderia excluir aquele membro que fosse incapaz de fazê-lo, impedindo o contato desse membro com os Doze Passos, visto que o programa propõe que não haja distinção de pessoas, e que todos são iguais independentes de sua classe social, ou posição social. Pensado nisso, o título passou a ser “Guia para Trabalhar os Passos”.

reflexão sobre as perguntas, mas não pretende ser extensa. A narração é escrita na primeira pessoa do plural, “nós”, de forma a promover a unidade naquilo que temos em comum: adicção e recuperação. As perguntas são escritas na primeira pessoa do singular, “eu”, de modo a que cada membro ao utilizar este guia, possa personalizar o trabalho, interessante pontuar, que o “nós” é utilizado porque a narrativa é do grupo, visto que as pessoas já estão em um processo de recuperação, já quando falamos o “eu”, isso representa a pessoa sozinha que ainda está buscando o caminho da recuperação.

O “Guia para trabalhar os passos” é um complemento do livro “Isto resulta: Como e porquê”, uma obra que abrange cada um dos passos, de qualquer forma, o propósito do guia é servir os membros do grupo NA em todo seu processo de recuperação, sejam membros novos ou membros que já estão há anos limpos.

O livro contém apenas orientações para os Doze Passos rumo a recuperação, ele se torna um meio de promover a recuperação e não analisa a própria recuperação. A recuperação é encontrada, a partir da experiência pessoal de cada membro ao trabalhar os passos.

Não existe necessariamente uma forma correta de utilizar essa Guia, a única regra é que seja feito com padrinho ou madrinha.

De qualquer modo os passos são focados no indivíduo, visando garantir a sua liberdade individual, dentro da unidade de Narcóticos Anônimos.

Passo 1 – Admitimos que éramos impotentes perante a nossa adicção, que nossas vidas tinham se tornado incontroláveis.

Passo 2 – Viemos a acreditar que um Poder maior do que nós poderia devolver-nos à sanidade.

Passo 3 – Decidimos entregar nossa vontade e nossas vidas aos cuidados de Deus, da maneira como nós o compreendíamos.

Passo 4 – Fizemos um profundo e destemido inventário moral de nós mesmos.

Passo 5 – Admitimos a Deus, a nós mesmos e a outro ser humano a natureza exata das nossas falhas.

Passo 6 – Prontificamo-nos inteiramente a deixar que Deus removesse todos esses defeitos de caráter.

Passo 7 – Humildemente pedimos a Ele que removesse nossos defeitos.

Passo 8 – Fizemos uma lista de todas as pessoas que tínhamos prejudicado e nos dispusemos a fazer reparações a todas elas.

Passo 9 – Fizemos reparações diretas a tais pessoas, sempre que possível, exceto quando fazê-lo pudesse prejudicá-las ou a outras.

Passo 10 – Continuamos fazendo o inventário¹⁹ pessoal e, quando estávamos errados, nós o admitíamos prontamente.

Passo 11 – Procuramos, através de prece e meditação, melhorar o nosso contato consciente com Deus, da maneira como nós o compreendíamos, rogando apenas o conhecimento da Sua vontade em relação a nós e o poder de realizar essa vontade.

Passo 12 – Tendo experimentado um despertar espiritual, como resultado destes passos, procuramos levar esta mensagem a outros adictos e praticar estes princípios em todas as nossas atividades.

2.8.1 As doze tradições

Assim como os “Doze Passos” referem-se a liberdade individual, ou seja, a liberdade do sujeito ser quem realmente é, um adicto em recuperação, já as “Tradições” referem-se a liberdade coletiva. Quando pensamos nos “passos”, temos que remeter aos membros, e quando tratamos do Grupo NA remetemos as “Tradições”.

O Grupo tem um manual de procedimento próprio, entretanto, esse manual respeita todas as tradições.

O entendimento das “Tradições” não ocorre imediatamente ao ingresso do membro, pelo contrário, é apresentada na literatura, conforme o tempo de irmandade e envolvimento com o serviço de Narcóticos Anônimos, assim vem a compreensão das “Doze Tradições”.

Elas existem para que os propósitos da irmandade sejam preservados, as tradições impedem que qualquer indivíduo se beneficie da história do NA, das partilhas dos outros membros, inclusive da sua própria. Isso ocorre para que os membros tenham liberdade de serem quem são dentro de uma reunião, sem medo de represálias ou até mesmo de reconhecimento público sobre sua adicção. Não há orgulho sobre ser um adicto, mesmo que em recuperação.

Existe um preconceito implícito em nossa sociedade, onde o discurso é “uma vez drogado, sempre drogado”, e então, NA tenta mudar essa velha mentira e fazer com que seus membros se tornem pessoas produtivas dentro dessa sociedade.

Outra característica importante dessas tradições é o impedimento pessoal, as tradições pontuam como funcionarão a todos os procedimentos do grupo, fazendo com que o padrão praticado pela irmandade seja dela, e não de um ou outro membro, ou seja, há uma dedicação em manter as decisões do grupo para que os membros sejam

19 Esse inventário pessoal e feito pelo membro, e depois compartilhada somente com seu padrinho/madrinha

vistos em pé de igualdade, impossibilitando que uns se achem melhores ou mais importantes que os outros.

É evidente que, sendo uma irmandade, seus membros exercem o direito de fala e podem, outrossim, expressar sua opinião, porém sobre questões específicas e que estejam de acordo com a necessidade, bem como as diretrizes dadas por NA. Então, para isso existem reuniões de serviço, que todos os membros têm direito a participar e lá são discutidos e votados assuntos referentes ao grupo, bem como horário de reuniões, quem tem quais encargos etc., assunto que abordamos com maior profundidade nos itens 1.5 e 1.5.1 dessa pesquisa.

[...] Isso não quer dizer que as nossas Tradições eliminem todos os problemas. Ainda temos que encarar as dificuldades, à medida que aparecem: problemas de comunicação, diferenças de opiniões, controvérsias internas e dificuldades com indivíduos e grupos fora da Irmandade. [...] Muitos dos nossos problemas são semelhantes aos enfrentados por aqueles que chegam antes. De sua experiência, duramente adquirida, nasceram as Tradições, e a nossa própria experiência demonstrou que estes princípios são tão válidos hoje, como eram quando estas Tradições foram formuladas. As nossas Tradições nos protegem das forças internas e externas que poderiam nos destruir. São verdadeiramente os laços que nos unem. Somente com a compreensão e a aplicação é que elas funcionam (TEXTO BÁSICO, 2015, p.69)

Cada “Tradição” possui um assunto central como: o bem-estar comum e unidade, Deus como única autoridade, a liderança de serviço (que não pode ser confundida com governo), a autonomia dos grupos, o propósito da irmandade, a não filiação, a questão do auto sustento, a atração não a promoção, e claro, o anonimato perante a sociedade.

Tradição 1 – O nosso bem-estar comum deve vir em primeiro lugar; a recuperação individual depende da unidade de N.A.

Tradição 2 – Para o nosso propósito comum existe apenas uma autoridade – um Deus amoroso que pode se expressar na nossa consciência de grupo. Nossos líderes são apenas servidores de confiança, eles não governam.

Tradição 3 – O único requisito para ser membro é o desejo de parar de usar.

Tradição 4 – Cada grupo deve ser autônomo, exceto em assunto que afetem outros grupos ou N.A como um todo.

Tradição 5 – Cada grupo tem apenas um propósito primordial – levar à mensagem ao adicto que ainda sofre.

Tradição 6 – Um grupo de N.A nunca deverá endossar, financiar ou emprestar o nome de N.A a nenhuma sociedade.

Tradição 7 – Todo grupo de N.A deverá ser totalmente autossustentado, recusando contribuições de fora.

Tradição 8 – Narcóticos Anônimos deverá manter-se sempre não profissional, mas nossos centros de serviço podem contratar trabalhadores especializados.

Tradição 9 – N.A nunca deverá organizar-se como tal; mas podemos criar quadros ou comitês de serviço diretamente responsáveis perante aqueles a quem servem.

Tradição 10 – Narcóticos Anônimos não tem opinião sobre questões de fora; portando o nome de N.A nunca deverá aparecer em controvérsias públicas.

Tradição 11 – Nossa política de relações públicas baseia-se na atração, não em promoção; na imprensa, rádio e filmes precisamos sempre manter o anonimato pessoal.

Tradição 12 – O anonimato é o alicerce espiritual de todas as nossas Tradições, lembrando-nos sempre de colocar princípios acima de personalidades.

2.8.2 Os doze conceitos

Como apontado ao longo dessa pesquisa, os Doze Passos, as Doze Tradições e os Doze Conceitos em NA tem utilidade. Cada um desses princípios são responsáveis por alguma área de estrutura da irmandade, ou seja, desempenham um papel institucional, que legitima a estrutura de NA como um todo.

As Tradições visam manter a unidade, a filosofia da irmandade, os “Passos” se referem a recuperação pessoal, já os “Conceitos” visam estruturar o serviço do grupo NA:

Os conceitos resumem a experiência arduamente adquirida por nossa irmandade, nos seus primeiros 40 anos, em questão como responsabilidade, autoridade, delegação, liderança, prestação de contas, orientação espiritual, participação, comunicação, mente aberta, integridade e finanças. (OS DOZE CONCEITOS PARA O SERVIÇO DE NA, 2016, p.V)

Os propósitos desses conceitos asseguram que o serviço seja dedicado único e exclusivamente para NA, não para o governo, e a experiência de anos de uso desses conceitos pelos membros, demonstram que eles funcionam.

Os Doze Conceitos para o serviço em NA, aqui descritos, foram criados para serem aplicados na prática à nossa estrutura de serviços em todos os seus âmbitos. Os ideais espirituais dos nossos passos e tradições fornecem a base para estes conceitos, que foram feitos de acordo com as necessidades específicas da estrutura de serviços da nossa irmandade. Os conceitos encorajam nossos grupos a atingirem mais prontamente os ideais das nossas tradições e a nossa estrutura de serviço a funcionar com eficácia e responsabilidade. (OS DOZE CONCEITOS PARA O SERVIÇO DE NA, 2016, p.1)

Os Doze Conceitos, foram criados para orientar todos os servidores da irmandade, proporcionando que a mensagem da irmandade Narcóticos Anônimos possa chegar nos adictos que ainda não conhecem o programa de Doze Passos.

Conceito 1º – Para cumprir o propósito primordial da nossa irmandade, os grupos de NA se juntaram para criar uma estrutura que desenvolve, coordena e mantém serviços por NA como um todo.

Conceito 2º – A responsabilidade final e a autoridade sobre os serviços em NA permanece com os grupos de NA.

Conceito 3º – Os grupos de NA delegam à estrutura de serviço a autoridade necessária para cumprir as responsabilidades a ela atribuídas.

Conceito 4º – A liderança efetiva é altamente valorizada em Narcóticos Anônimos. As qualidades de liderança devem ser cuidadosamente consideradas ao selecionar servidores de confiança.

Conceito 5º – Para cada responsabilidade atribuída à estrutura de serviço, deve ser claramente definido um único ponto de decisão e prestação de contas.

Conceito 6º – A consciência coletiva é o meio espiritual pelo qual convidamos um Deus amoroso a influenciar nossas decisões.

Conceito 7º – Todos os membros de um corpo de serviço arcam com responsabilidade substancial pelas decisões deste corpo e devem poder participar plenamente no seu processo de tomada de decisão.

Conceito 8º – A nossa estrutura de serviço depende da integridade e eficiência de nossas comunicações.

Conceito 9º – Todos os elementos da nossa estrutura de serviço têm a responsabilidade de considerar cuidadosamente todos os pontos de vista nos seus processos de tomada de decisão.

Conceito 10º – Qualquer membro de um corpo de serviço pode requerer deste corpo a retratação por ofensa pessoal, sem medo de represália.

Conceito 11º – Os recursos de NA devem ser usados para promover nosso propósito primordial e devem ser administrados com responsabilidade.

Conceito 12º – De acordo com a natureza espiritual de Narcóticos Anônimos, nossa estrutura deve ser sempre de serviço, nunca de governo.

2.9 Anonimato

“O anonimato é o alicerce espiritual de todas as nossas Tradições, lembrando-nos sempre de colocar princípios acima de personalidades” (12º tradição).

A adicção não é algo desconhecido da sociedade, talvez a nomenclatura sim, mas seus efeitos são televisionados nos canais de comunicação, de tempos em tempos.

O preconceito é algo que não ocorre na mesma proporção com quem faz uso do álcool por exemplo, a aceitação e distanciamento entre o álcool e drogas foi um dos maiores motivos que fizeram NA ser fundado e se separar de AA, a doença é a mesma, porém a degradação das drogas é maior e a aceitação da sociedade para quem usa substâncias ilícitas são menores. Portanto, esse estigma negativo é o principal motivo para que o anonimato seja um dos princípios da irmandade NA. Sem contar que o anonimato priva o membro de sofrer qualquer tipo de represarias, facilitando assim sua narrativa, que é de suma importância para a recuperação.

Na literatura, o anonimato consiste em não assinar em nome pessoal, e sim da irmandade, pois existe uma “Tradição” que impõe NA como uma unidade, e outra “Tradição” que exige a possibilidade de promoção pessoal, ou alguma maneira de se aproveitar dos créditos de Narcóticos Anônimos.

Já a aplicação do anonimato dentro de uma reunião, consiste em não falar, por exemplo, quem eram as pessoas que estavam presentes e também não falar a qualquer outra pessoa que não estivesse presente a história de alguém, independentemente de revelar o nome da pessoa ou não. Assim, o anonimato não existe apenas para assegurar que o nome dos membros sejam expostos, mas também suas histórias pessoais.

O que necessita entendimento é que os membros possuem a opção de revelar ou não seu nome verdadeiro nas reuniões, porém é extremamente contra a Décima Segunda Tradição comentar o que

aconteceu na reunião, mesmo que seja com algum membro de NA, ou até mesmo uma pessoa que não seja membro, o que acontece na reunião, fica dentro da reunião, essa posição é defendida pela irmandade para sua proteção e de seus membros, garantida e exigida pelas “Tradições”.

2.10 O tempo limpo

O tempo limpo, nomenclatura utilizada pelos membros para contar o tempo sem uso de nenhuma droga que altere mente e humor, é calculado a partir do primeiro dia sem uso. Conforme o tempo vai se acumulando, o membro vai pegando fichas (que são chaveiros coloridos, escritos o tempo limpo, atrás), para comemorar seu tempo limpo. Existe um momento específico dentro da reunião que os membros utilizam para trocar suas fichas de tempo limpo, essa ficha é dada pelo padrinho/madrinha do membro, ou alguém membro que o conheça. Geralmente quem troca a ficha do membro tem um tempo para falar sobre a recuperação do outro, e o sujeito que está conquistando seu tempo limpo também tem um tempo para expressar seu sentimento.

As fichas também podem ser vistas como uma forma de simbologia para o membro, comemorando seu tempo de abstinência e fazendo com que o sujeito queira sempre se superar e chegar na próxima ficha. Num certo sentido, o tempo limpo seria uma apelo da narrativa do NA, motivação que é vivida presencialmente pelo corpo.

Caso haja recaída, que ocorre quando o membro retorna ao uso das drogas, o membro precisa reconquistar suas fichas (tempo limpo) novamente.

2.10.1 As fichas de narcóticos anônimos

Todo membro novato no grupo NA recebe uma ficha branca, que simboliza o ingresso do indivíduo ao programa, que tem a escrita de “Só por hoje” na parte de trás. “Só por hoje”, é uma frase muito utilizada pelos membros, a filosofia do “só por hoje” consiste em não usar drogas só hoje. Isso ocorre para tirar o peso do “para sempre”, visto que, para quem fica o tempo todo drogado uma hora é tempo demais para ficar sem usar. Então “para sempre” é um tempo imensurável para o recém-chegado, razão por que é utilizado a expressão “só por hoje”.

Ao ficar limpo por trinta dias, o membro recebe uma ficha laranja, escrita na parte de trás “limpo e sereno por trinta dias”, com sessenta dias o ritual se repete com a ficha verde, a ficha de noventa dias é vermelha. No início da recuperação as trocas são de trinta em trinta dias até chegar nos três meses, posterior a isso, o membro passa a trocar de ficha de três em três meses.

A ficha de seis meses “limpo” é azul, a de nove meses amarela, e de um ano é fluorescente e brilha no escuro. Após um ano de recuperação, a troca de ficha muda novamente de período, e então o membro só pode trocar de ficha de seis em seis meses. A ficha correspondente a 18 meses, que equivale a um ano e meio “limpo” é na cor cinza, e a de múltiplos anos de recuperação é na cor preta. Após o membro completar dois anos limpos, ele troca de ficha de ano em ano, e pega sempre a de cor preta cuja a mensagem na parte de trás está escrito “limpo e sereno por múltiplos anos de recuperação”. As nove fichas do grupo cuja as cores são: branco, laranja, verde, vermelha, azul, amarela, florescente, cinza e preto, conforme imagem abaixo:

Figura 4: Fichas de Narcóticos Anônimos.



Fonte: <http://www.nabrasil.org.br/index.php?opcao=calculadora>

2.11 O grupo de narcóticos anônimos

As Tradições da irmandade garantem aos grupos autonomia, ou seja, os grupos são autônomos e autogovernados, portanto, os afazeres

de cada grupo são divididos conforme necessidade. Existe um livreto que estabelece por experiência como o grupo deverá ser conduzido, mas por fim, a direção do grupo é determinada pelo próprio grupo.

Há muitas maneiras de fazer as coisas em Narcóticos Anônimos. E, assim como todos temos nossas personalidades individuais, o seu grupo também desenvolverá sua própria identidade, seu próprio jeito de fazer as coisas e sua própria maneira de levar a mensagem de NA. É assim que deve ser. Em NA encorajamos a unidade, não a uniformidade. (LIVRETO DO GRUPO, 2009, p.01)

Não existe um número mínimo de membros para abrir um grupo, qualquer adicto limpo que esteja disposto a ajudar outros adictos a ficarem limpos em alguma região que não exista um grupo, pode ser candidato a abrir um, desde que sejam respeitadas todas as tradições de NA.

Dentro do livreto específico que se refere ao Grupo e o funcionamento do mesmo, a irmandade pontua seis pontos²⁰ que descrevem um grupo de Narcóticos Anônimos, fundamentados em suas Tradições:

1. Todos os membros de um grupo são adictos a drogas e todos os adictos a drogas podem fazer parte.
2. Como grupo, são autossustentados.
3. Como grupo, seu único objetivo é o de ajudar adictos a drogas a se recuperarem através da aplicação dos Doze Passos de Narcóticos Anônimos.
4. Como grupo, não tem outras afiliações fora de Narcóticos Anônimos.
5. Como grupo, não tem opinião sobre questões alheias.
6. Como grupo, sua política de relações com o público baseia-se na atração, não na promoção.

Em todo caso o grupo tem maior responsabilidade na ajuda de recuperação dos adictos do que no serviço do NA, pois o serviço é uma segunda instância da irmandade, porque para ser realizado o serviço é necessário adictos limpos e para ter adictos limpos é necessário o grupo, já que o programa de Doze Passos não funciona sozinho, ele apenas é amparado pelas reuniões, que é o fator mais importante da recuperação individual.

Ao clarificar o único requisito para ser membro e

20 Os seis pontos que descrevem um grupo foram adaptados de “The AA Group”, publicado por Alcoholics Anonymous World Services, e reimpresso como The N.A Group.

propósito primordial de nossos grupos de modo definitivo, ficamos livres para focalizar a maior parte de nossa literatura de serviço, na libertação da doença da adicção, com a certeza de que os nossos grupos estão fornecendo as bases para uma identificação adequada àqueles que buscam recuperação (LIVRETO DO GRUPO, 2009, p.2)

Como abordado, o meio principal para um grupo possibilitar a recuperação são as reuniões, porque são nelas que os adictos podem narrar suas experiências, prestando então, apoio mútuo, e consequentemente levando a mensagem aos membros.

É dentro dos grupos que as reuniões acontecem e não tem regra, existem grupos que tem reuniões semanais toda noite. Outros que tem reuniões apenas nos finais de semana, enquanto outros grupos possuem reuniões três vezes por dia, todos os dias da semana.

O propósito dos grupos de N.A está descrito na quinta Tradição: “Cada grupo tem apenas um propósito primordial – levar a mensagem ao adicto que ainda sofre” (TEXTO BÁSICO, 2005, p.67).

2.12 As reuniões

Estima-se que aconteçam mais de 63.000²¹ reuniões de Narcóticos Anônimos por semana no mundo, NA está presente em 132 países e seu programa de recuperação é falado em 77 línguas.

Nossas reuniões são um processo de identificação, esperança e partilha. O coração de N.A pulsa quando dois adictos compartilham sua recuperação. O que nós fazemos torna-se real quando nós o compartilhamos. Isso acontece em maior escala nas nossas reuniões regulares. Uma reunião acontece quando dois ou mais adictos se encontram para se ajudarem mutuamente a se manterem limpos. (TEXTO BÁSICO, 2015, p.13)

As reuniões do NA podem acontecer em qualquer lugar, normalmente os grupos priorizam se encontrar em locais de fácil acesso, a fim de assegurar a regularidade dos encontros. Frequentemente, locais dirigidos por órgãos públicos, organizações religiosas ou cívicas, alugam salas a preços moderados que preenchem as necessidades do

21 Dados extraídos do Prefácio à Sexta Edição página XVII da nova edição do Texto Básico de Narcóticos Anônimos do ano de 2015

grupo e mesmo que esses locais queiram doar espaço de reuniões para o grupo, isso não é permitido, pois a Sétima Tradição da Irmandade Narcóticos Anônimos encorajam os grupos a serem autossustentados, pagando suas próprias despesas, inclusive aluguel.

Na maioria das vezes, os grupos de NA preferem se reunir em locais públicos por uma série de motivos, o próprio anonimato priva as reuniões de serem na casa de um membro, por exemplo, então as reuniões em locais não particulares intensificam a credibilidade da irmandade dentro da comunidade que ela é inserida, sem contar que a vida pública e privada do membro pode dificultar o grupo de ter a autonomia necessária

2.12.1 Os formatos das reuniões

“No início da reunião, lemos a literatura de NA, que se encontra à disposição de todos. Algumas reuniões têm oradores, temas para discussão ou ambos”. (TEXTO BÁSICO, 2015, p.13)

Existem múltiplos formatos de reunião que um grupo pode utilizar. A maioria das reuniões duram cerca de uma hora e meia, no entanto, como já abordado, por ter autonomia existem grupos que possuem seu formato único de reuniões, com duração específica.

Já outros grupos possuem uma agenda de formatos rotativos, ou seja, cada dia da semana ocorre um tipo de reunião, (os tipos de reuniões serão descritos no tópico abaixo), nas quais visam apresentar quais são os tipos de reuniões e no que consiste cada uma delas.

Dentro do livreto do Grupo existe um modelo de como são as reuniões: “Este exemplo [...] Ele é feito de forma que, se o grupo quiser, possa utilizá-lo como está. Entretanto, sinta-se à vontade para modificá-lo de acordo com as necessidades do seu grupo. (LIVRETO DO GRUPO, 2009, p.24)

A seguir serão reproduzidos trechos da literatura de orientação aos grupos, chamada de “Livreto do Grupo”:

Coordenador da reunião:

Dê boas-vindas aos membros na reunião e se apresente. Bom dia (ou boa tarde, boa noite), meu nome é _____ e sou um adicto.

Sejam bem-vindos a mais uma reunião do Grupo _____ de Narcóticos Anônimos.

Eu gostaria de abrir esta reunião com um momento de silêncio (15 a 20 segundos) pelo adicto que ainda sofre, seguido pela Oração da Serenidade.

*Gostaríamos de dar as boas-vindas especiais aos recém- -chegados.
Há alguém aqui que esteja participando de uma reunião de
Narcóticos Anônimos pela primeira vez? Gostaria de se apresentar?
Não temos intenção de constrangê-lo e sim de conhecê-lo melhor.*

Há alguém com menos de trinta dias limpo?

Então abre para apresentação dos membros.

*Tem algum membro de outro local que esteja nos visitando?
Apresentação.*

*Tem alguém que esteja vindo a este grupo pela primeira vez?
Apresentação.*

*Se for uma reunião fechada: Esta é uma reunião “fechada” de
Narcóticos Anônimos. As reuniões fechadas de NA são para adictos ou
pessoas que acham que podem ter um problema com drogas. Se houver
algumas pessoas não adictas nos visitando, gostaríamos de agradecê-
las pelo seu interesse em Narcóticos Anônimos.*

*Nossa lista de reuniões pode ajudá-las a encontrar uma reunião de
NA em nossa comunidade que seja aberta para não adictos.*

*Se for uma reunião aberta: Esta é uma reunião “aberta” de
Narcóticos Anônimos. Gostaríamos de dar as boas-vindas aos
visitantes que não têm problemas com drogas e de agradecer-lhes pelo
seu interesse em Narcóticos Anônimos. Pedimos que vocês respeitem o
propósito primordial desta reunião, que é proporcionar um local onde
adictos possam compartilhar sua recuperação uns com os outros.*

*Coordenador da reunião: Para proteção do grupo e do nosso local
de reunião, pedimos que nenhuma droga ou objeto para uso esteja com
você durante a reunião.*

Se tiver, por favor, saia, livre-se deles e volte o mais rápido possível.

*Coordenador da reunião: Dê reconhecimento das pessoas com
vários períodos de tempo limpo — trinta, sessenta, e noventa dias; seis
meses, nove meses, um ano; dezoito meses e múltiplos anos. Chaveiros,
fichas ou medalhões podem ser distribuídos nesse momento.*

*Coordenador da reunião: Antes da reunião, selecione pessoas para
lerem uma ou mais das seguintes leituras curtas. Estas leituras podem
ser encontradas em nosso Livro Branco, no Texto Básico, no IP Nº 1
ou nos Cartões de Leitura de Grupo: a) Quem é um adicto? b) O que
é o Programa de NA? c) Por que estamos aqui? d) Como funciona?
e) As Doze Tradições f) Só por hoje g) Nós realmente nos recuperamos.*

*Coordenador da reunião: Anuncie o tipo de reunião (participativa,
temática, estudo de Passos, orador, etc.). Solicite um tema ou Passo
e abra a reunião, ou apresente o orador. Coordenador: Cerca de dez
minutos antes do final da reunião, anuncie: O tempo que temos para a*

reunião acabou. Gostaria de agradecer a presença de todos.

Coordenador: Antes de passar a sacola, diga: A sacola que está sendo passada é uma maneira de praticar nossa Sétima Tradição, que diz “Todo grupo de NA deverá ser totalmente autossustentado, recusando contribuições de fora”. O dinheiro que recebemos paga nosso aluguel, literatura, café/chá. Através das contribuições deste grupo para os vários comitês de serviço, também ajuda a levar a mensagem de recuperação de NA em nossa área e no mundo inteiro. Se for uma reunião “aberta”, acrescente: Mais uma vez, gostaria de agradecer nossos visitantes não adictos pelo seu interesse por Narcóticos Anônimos. Devido à nossa Tradição de autossustento, pedimos que vocês não contribuam quando a sacola passar por vocês.

Coordenador: Há algum aviso relacionado à NA? (O RSG do grupo anunciará os próximos eventos e atividades de NA.)

Coordenador: Depois de passar a sacola: Novamente, obrigado pela sua presença aqui hoje. Convido a todos que quiserem a formar um círculo para o encerramento.

Vários grupos encerram de forma diferente, com breves citações da literatura de NA. Muitos encerram com a Oração da Serenidade. Ao encerrar as suas reuniões, alguns grupos pedem que as pessoas assistindo à reunião respeitem o anonimato dos outros que estiveram presentes. Todos juntos: “Continue voltando, funciona!”.

2.12.2 Tipos de reuniões

As reuniões mais recorrentes em Narcóticos Anônimos são as reuniões abertas e as reuniões fechadas: “reuniões fechadas são para adictos ou para quem pensa que possa ter problemas com drogas. Nas reuniões abertas, é bem-vinda qualquer pessoa que queira conhecer a nossa Irmandade.” (TEXTO BÁSICO, 2015, p. 13).

Reuniões de partilhas: São as reuniões que o coordenador abre para seus membros partilharem suas experiências ou qualquer assunto sobre a adicção e recuperação.

Reuniões de tópicos: Reunião para discutir algum tópico específico da literatura ou recuperação escolhido pelo coordenador da reunião, o assunto selecionado é discutido por todos.

Reunião de estudo: É uma reunião específica de estudo da literatura da irmandade, dentro dessas modalidades existem várias formas de realização, tem reuniões que eles pegam um passo por reunião e discutem sobre, ou abrem para partilhas pessoais sobre a relação do membro com aquele passo específico, ou leem um trecho de livro ou

folheto e discutem etc, e existe também as reuniões que são de estudos dos passos, tradições e conceitos.

Reunião com oradores: Nessas reuniões é comum que um único orador, ou as vezes três é chamado para partilhar sua história de recuperação ou experiência sobre um aspecto particular da recuperação em Narcóticos Anônimos.

Reunião temática: Parecido com a reunião de tópicos, todavia, essa reunião se diferencia da outra, porque no caso um membro é convidado para partilhar sua experiência sobre um tema da recuperação ou temas relacionados. Exemplo: Chamar um membro com idade de 18 a 20 anos e pedir para que ele partilhe sobre o tema: juventude e recuperação. Geralmente essa reunião é dividida em dois momentos, primeiro momento é onde o membro discorre sobre o tema e o segundo momento é quando o mesmo fica encarregado de responder as perguntas dos outros membros que ouviram sua história.

Reuniões para recém-chegados: Essas reuniões na maioria das vezes são conduzidas por dois ou três membros mais experientes (com mais tempo limpo) do grupo, que compartilham suas experiências com a doença da adicção e a recuperação em Narcóticos Anônimos e as vezes a reunião é aberta para perguntas dos recém-chegados.

Reuniões de perguntas e respostas: Nessas reuniões os membros fazem perguntas relacionados a sua recuperação, ou dúvidas sobre o programa de recuperação. Essas perguntas são escritas em um papel e colocadas na caixa de perguntas, e então, o coordenador da reunião lê essas perguntas e seleciona algum membro para falar sobre sua experiência pessoal sobre a pergunta em questão. As perguntas são lidas até o fim da reunião da mesma forma.

Reunião Administrativa: Reunião destinada somente aos membros que possuem encargos no grupo, geralmente são reuniões que antecedem a de serviço. Esta reunião também visa a verificação dos números do grupo, para saber se o mesmo está cumprindo o propósito primordial da irmandade.

Reunião de Serviço: São reuniões de prestação de contas do grupo. Nessas reuniões são votadas as pautas apresentadas pelos membros do grupo, também é onde acontece a escolha dos servidores das reuniões e coordenadores das reuniões.

Reunião de propósito especial: São reuniões destinadas a um público específico, como reuniões somente para mulheres, que chama reunião de propósito feminino, ou reuniões específicas para homens, jovens, travestis etc.

2.13 Estatísticas dos membros

As estatísticas do grupo NA são feitas a cada Conferência Mundial, porém não são facilmente encontradas, pois a divulgação é bem restrita aos grupos. Mas, a irmandade divulgou em 2010, um folheto resultante de uma pesquisa de participação de membros no ano de 2009, esses dados foram coletados na Conferência Mundial, que aconteceu no mesmo ano em Barcelona, Espanha. Na ocasião foram distribuídos questionários, porém para conseguirem o maior número de respostas possível, a irmandade também deixou disponibilizado pela internet o questionário por seis meses, e receberam um total de 11.723 respostas, e as informações abaixo foram extraídas dos dados disponíveis nesse folheto.

Com base no que foi respondido na pesquisa, a idade média dos membros do Narcóticos Anônimos é de 43 a 48 anos, tendo o total de 34%, seguido de membros com 51 a 60 anos que totalizam 24%, membros com idades de 31 a 40 anos são de 22%, e membros jovens de 21 a 30 anos somam apenas 14%, o menor índice são de membros até 20 anos que são 2%.

Analisando o gênero, as mulheres são minoria no N.A, sendo responsáveis pela totalidade de 42%, enquanto os homens correspondem a 58% dos membros.

Já as porcentagens acerca das etnias na irmandade se mostrou bem variada, e sua causalidade, aparentemente está relacionada a localização geográfica, 73% dos membros responderam que são caucasianos, enquanto 10% se declararam afro-americanos, seguidos de 10% hispânicos, 2% asiáticos e apenas 1% indígenas.

O tempo livre de drogas é bem variado: até 1 ano corresponde a 12% dos membros, mesma porcentagem de membros "limpos" há mais de 20 anos, os mesmos 12% daqueles que não usam drogas de 16 a 20 anos, já pessoas que estão limpas 1 a 5 anos somam o percentual de 33%, seguido de 18% que estão limpos de 6 a 10 anos, 13% totalizam o período de 11 a 15 anos.

Sobre as drogas usadas regularmente foram aceitas respostas múltiplas, e para melhor compreensão traremos apenas as oito primeiras drogas da lista:

O primeiro lugar da lista é do álcool que é usado por 70% dos membros, a cannabis aparece em segundo lugar com 58%, seguida da Cocaína aparece em terceiro lugar com o índice de 53 %, tendo 32 % o quarto lugar que são os estimulantes, com quinto lugar os alucinógenos 29%, sexto os tranquilizantes 27% e o oitavo lugar o crack com 25%.

Sobre a melhoria na qualidade de vida (tópicos apontados por eles),

separado por áreas que são: desde de voltar ao mercado de trabalho, voltar a estudar, ter moradia estável, entre outros, 92% das pessoas declaram que estabeleceram o relacionamento saudável com a família, 88% recuperam a sociabilidade, 80% diversões, 76% moradia estável, 72% emprego, 56% tiveram algum tipo de progresso educacional.

2.14 Oração da serenidade

“Deus, conceda-me serenidade para aceitar as coisas que não posso modificar, coragem para modificar aquelas que posso e sabedoria para reconhecer a diferença”.

A oração da serenidade é utilizada como um mantra dentro do NA, todas as reuniões começam com a oração, no meio das reuniões após ingresso de novos membros, ou após uma troca de ficha, a oração é feita.

E quando a reunião acaba, todos os membros se abraçam e formam um círculo, fazem a oração da serenidade novamente, e se abraçam individualmente.

CAPÍTULO III

NARRATIVA

A discussão acerca da narrativa será norteadada primeiramente por Sarlo (2005), que busca dentre tudo compreender como o processo de testemunhos ocorre, evidenciando que a experiência é necessária, pois é através dela que o sujeito consegue adentrar seu passado, narrando o fato vivenciado. Benjamin (2012) por sua vez fala da narrativa permeando não o processo da narrativa em si, mas, expondo uma possível extinção dos narrados, colocando em risco a própria narrativa, e o saber que é passado e repassado de boca em boca.

A narrativa será de extrema relevância, porque é na narrativa o tema central dessa reflexão, compreendendo que a forma comunicativa da narrativa é o que sustenta toda as experiências de Narcóticos Anônimos e sua estrutura institucional, pois, a comunicação é sempre apresentada de forma narrativa, porque é a narrativa a responsável por manter as relações dentro de NA.

3.1 Passado e Narrativa

Se analisarmos o passado como tempo, imediatamente somos levado a um tempo ido e finito, todavia, isso ocorre porque o passado para ter significado como tal deve haver um presente, ou seja, uma lembrança a qual recorreremos, ou comparação de um fato que está acontecendo ou já aconteceu. Passado este presente, e que vem à tona quando menos se espera, e às vezes sem a mínima intenção de convocá-lo.

Beatris Sarlo (2005), aponta o passado como algo conflituoso, basicamente ela concebe o passado como algo que não podemos narrar, visto que, toda vez que relatamos algo, imediatamente passamos a atualizar o fato, e então esse tempo que era passado, após o relato é presente. Explorando o passado além de sua categorização, Sarlo também apresenta o passado enquanto representação, isto é, algo a ser testemunhado e narrado, geralmente esses discursos são realizados por sujeitos que teriam vivenciado o fato e que sua narração a respeito o façam divulgadores desse ocorrido.

Sob fundamento benjaminiano, Sarlo (2005) explora as questões narrativas nas ditaduras da América Latina e sua discussão permeia entre tudo, uma análise sobre as experiências vivenciadas pelo sujeito,

visando compreender a relação da experiência sendo relatada através de testemunhos. De todo modo, o processo narrativo atravessa a experiência, porém essa experiência é algo que fica dentro de um tempo passado, podemos argumentar que tem experiências das quais se passam no presente, entretanto como tratamos de um objeto que funciona através das experiências vivenciadas por tempo cronológico, tendo em vista que os membros mais velhos possuem esse saber adquirido pelo tempo de recuperação, dentro da irmandade.

E para evocar esse saber adquirido é necessário também trazer em voga a lembrança, porque uma vez que ela é relembrada imediatamente se torna algo presente, mesmo que necessite voltar a um passado.

Poderíamos dizer que o passado se faz presente. E a lembrança precisa do presente porque, como assinalou Deleuze a respeito de Bergson, o tempo próprio da lembrança é o presente: isto é, o único tempo apropriado para lembrar e, também, o tempo do qual a lembrança se apodera, tornando-o próprio. (SARLO, 2005, p.10)

Ainda sobre a questão do passado, precisamos também considerar o sujeito como ligação responsável por deter essa experiência ainda não narrada, que precisa passar por ele para ser oralizada, e então o sujeito se torna narrador. A inquietação a respeito do passado acontece porque buscamos enquadrá-lo em um tempo específico, procurando estabelecer seu começo e fim. Mas Sarlo (2005) expõe que esse fim é apenas figurativo, percebendo que a anulação desse tempo só seria possível com a eliminação de quem o carrega. Segundo ela é o sujeito que vivencia diretamente a experiência, ou seja, de uma forma ou de outra, em algum momento o passado chega no presente.

O passado é sempre conflituoso. A ele se referem, em concorrência, a memória e a história, porque nem sempre a história consegue acreditar na memória, e a memória desconfia de uma reconstituição que não coloque em seu centro os direitos da lembrança (direitos de vida, de justiça, de subjetividade). Pensar que poderia existir um entendimento fácil entre essas perspectivas sobre o passado é um desejo ou um lugar-comum. (SARLO, 2005, p.9)

O conflito em relação as lembranças do passado é comentada por Sarlo devido sua discussão se tratar de indivíduos que sofreram experiências traumáticas, portanto há uma negação natural dos fatos experimentados.

Já o programa de NA procura aceitar esse passado, e para que essa aceitação seja possível, é essencial dois processos dentro da recuperação, o primeiro seria as reuniões e as partilhas com padrinhos/madrinhas e o segundo acontece através dos “Doze Passos”.

Justamente porque o tempo do passado não pode ser eliminado, e é um perseguidor que escraviza ou liberta, sua irrupção no presente é compreensível na medida em que seja organizado por procedimentos da narrativa, e, através deles, por uma ideologia que evidencie um continuum significativo e interpretável do tempo. Fala se do passado sem suspender o presente e, muitas vezes, implicando também o futuro. (SARLO, 2005, p.12)

A lembrança ou narração do passado geralmente é realizada por algum tipo de relato, que busca entre tudo explicar o ocorrido, ou servir de experiência para que o mesmo nunca volte a acontecer, com base nisso, o “lembrar” entra em discussão. Esse “lembrar” caracteriza o vivido, mas visualizamos no lembrar também uma dupla aplicação, pois da mesma maneira que é possível compreendê-lo no sentido de lembrança, ou seja, lembrança do que se foi vivenciado pelo próprio sujeito, podemos também utilizar o “lembrar” no sentido de memória de algo vivenciado por outro sujeito, que acaba servindo de exemplo para o outro. Este “lembrar” fica melhor compreendido se pensarmos nesse processo do ponto de vista da narrativa, dado que, existe uma diferenciação de algo narrado com embasamento nas suas experiências pessoais e uma narração feita através de experiências alheias.

Este conceito está ligado ao discurso em segundo grau, que segundo Sarlo: “essa memória pode se tornar um discurso produzido em segundo grau, com fontes secundárias que não vêm da experiência de quem exerce essa memória” (2005, p.92), dentro de NA, essa proposta poderia ser analisada pela perspectiva das relações entre os membros, entendendo que a história de cada membro é individual, mas se uma determinada situação aconteceu dentro da recuperação de alguém ou antes desse alguém chegar a recuperação, não precisa ser vivenciado por outro sujeito, pois ele se utiliza da experiência do outro.

3.2 O enfraquecimento da experiência

Nas últimas décadas o “instante” tem sido objeto de muita discussão na academia. Aparentemente isso sucede por conta da imediatibilidade das coisas, que ocasionam um rompimento do tempo-espço, trazendo uma consequência, que no entender de Sarlo, é o enfraquecimento do passado, e como ele abarca as experiências, isto pode acarretar um dano à narrativa, porque a narrativa necessita do passado para existir. Todavia, a narração não ocorre sozinha, o seu veículo comunicador seria a oralidade e sua mediação seria o corpo. Compreendemos que existem narrativas escritas, mas poderemos verificar que essa narrativa escrita inicia-se em algum momento na oralidade.

A narração da experiência está unida ao corpo e à voz, a uma presença real do sujeito na cena do passado. Não há testemunho sem experiência, mas tampouco há experiência sem narração: a linguagem liberta o aspecto muda da experiência, redime-a de seu imediatismo ou de seu esquecimento e a transforma no comunicável, isto é, no comum. A narração inscreve a experiência numa temporalidade que não é a de seu acontecer (ameaçado desde seu próprio começo pela passagem do tempo e pelo irrepitível), mas a de sua lembrança. A narração também funda uma temporalidade, que a cada repetição e a cada variante torna a se atualizar. (SARLO, 2005, p. 25)

Para comunicar a experiência os detalhes são imprescindíveis. Esses são fornecidos pelo sujeito, que quando narra transforma-se em narrador, ou seja, um sujeito-narrador. Beatriz Sarlo diz: “um modo realista-romântico de fortalecimento da credibilidade do narrador e da veracidade de sua narração” (2005, p.51), os detalhes além de dar mais credibilidade a narrativa, também apresentam a possibilidade do narrador retornar ao ocorrido e reconstruir significados. Essa questão de reconstrução de significados faz muito sentido dentro da dinâmica do grupo NA, porque os “passos” possuem essa característica, que é a retornar para o fato passado, visando também uma nova resignificação. Sem contar que a veracidade da narração é o que cria a empatia dos membros, porque essa veracidade, trazida pelos detalhes, garantem credibilidade não somente as narrativas dos membros, mas da própria irmandade.

Quando a autora se propõe a discutir sobre o passado e a memória, ela busca analisar as transformações dos testemunhos na busca da

verdade como reconstrução do passado, “a confiança no imediatismo da voz e do corpo favorece o testemunho, o que me proponho é examinar as razões dessa confiança” (SARLO, 2005, p.19).

Quando partimos para adentrar a temática acerca da experiência, Sarlo inicia seu pensamento realizando uma série de perguntas sobre o assunto, porém trouxemos uma pergunta central sobre a questão: “A narração da experiência guarda algo da intensidade do vivido [...], ou simplesmente, nas inúmeras vezes em que foi posta em discurso, ela gastou toda possibilidade de significado” (SARLO, 2005, p. 23), voltando para as primeiras linhas desse capítulo, quando a autora aponta o presente como o grande responsável do avivamento do passado, partindo do pressuposto que ao ser redito, é atualizado.

Já o relato tem o passado como conteúdo a experiência (que acontece no espaço-tempo presente) que torna o relato/passado vivo, porém possíveis de interpretações, contudo, a possibilidade de significado não se desgasta, porque a experiência é viva.

3.3 O narrador de Benjamin

O narrador (2012), texto que Benjamin expõe sobre uma possível morte da narrativa, atribui essa responsabilidade a informação e ao romance; já a autora Beatriz Sarlo expõe o enfraquecimento do passado como uma causa provável para tal “essas mudanças de perspectiva não poderiam ter acontecido sem uma variação nas fontes: o lugar espetacular da história oral é reconhecido pela disciplina acadêmica, que [...] considera totalmente legítimas as fontes testemunhais orais [...]” (SARLO, 2005, p.12). As fontes orais como já apontadas tem mais credibilidade e talvez isso ocorra, porque além dos detalhes abordados, a experiência do fato narrado é predominantemente feita pelo sujeito que teve essa experiência, ou por fontes próximas ao mesmo, sem contar que a oralidade aproxima os receptores da narração.

Outro fato a esclarecer sobre as fontes orais, é o que Sarlo apresenta: “é pelo discurso de terceiros que os sujeitos são informados sobre o resto dos fatos contemporâneos a eles; esse discurso, por sua vez, pode estar apoiado na experiência ou resultar de uma construção baseada em fontes, embora sejam fontes mais próximas no tempo” (2005, p.91).

O que fez o testemunho ter seu ápice, foi o mesmo que causou seu declínio, e a causalidade disso foi o esgotamento da experiência, que na época de Benjamin traduziu-se na guerra. A experiência vivida na guerra endureceu o homem, sujeito este que voltou mudo, porém o

que Benjamin não teve tempo de analisar foi que esse esgotamento de testemunhos individuais deram origem mais tarde aos testemunhos em massa, tornados manifestos por um bombardeio de livros com essas temáticas de guerra nos anos posteriores.

Beatriz Sarlo estudiosa de Benjamin retorna a questão dos soldados mudos que voltaram da Primeira Guerra Mundial. Isso ocorre por consequência da magnitude da experiência que tiveram e o resultado disso foi o endurecimento dos homens que voltavam da Guerra. “O choque teria liquidado a experiência transmissível e, por conseguinte, a experiência em si mesma: o que se viveu era forte demais para o “minúsculo e frágil corpo humano” (SARLO, 2005, p. 25). O choque de toda destruição vivenciada na Guerra, bloqueou aqueles homens, os quais não tinham a menor possibilidade de reconhecerem suas experiências, todo resultado de tal experiência foi narrado em diversos livros que só deram voz ao um determinado lado: “[...] fez com que a novidade só pudesse ser vivida fisicamente, nos mutilados, nos doentes, nos famintos e nos milhões de mortos.” (2005, p. 26), ou seja, toda experiência narrativa que poderia surgir do advento da guerra foi silenciado pelo choque, que deu voz somente às vítimas. Sobre esse processo Sarlo explora:

[...] o que aconteceu na Grande Guerra provaria a relação inseparável entre a experiência e relato; e também o fato de que chamamos experiência o que ser posto em relato, algo vivido que não só se sofre, mas se transmite. Existe experiência quando a vítima se transforma em testemunho. (2005, p. 26).

Benjamin (2012), expõe que o narrador não causa estranhamento nas pessoas e tal entendimento acontece porque o narrador não é desconhecido por nós, pois em certo momento, de uma maneira ou outra, transformaremos-nos em narradores. Apesar disso, Benjamin traz algumas características de como o narrador é conhecido. Podemos dizer que esses narradores geralmente são identificados como pessoas sábias, ou que são viajadas. Essas duas características são apontadas porque compreendemos que a experiência é algo determinante para a narrativa, então somente dois tipos de pessoas poderiam ter experiência o suficiente, alguém que conhece muitos lugares e culturas por viajar. Logo, este sujeito tem uma bagagem de vivências e, consequentemente, seria mais sábio e por esse motivo tem experiências para narrar. Ou, o narrador pode ser encontrado em pessoas idosas, visto que, por conta da idade, acumulou mais experiência ao longo da vida e por esta razão poderiam repassar suas tradições e conselhos aos mais novos.

A crítica de Walter Benjamin se inicia argumentando que essa figura está em extinção, uma vez que as narrativas estão se tornando cada vez mais raras. Esse processo é causado em suma por dois agravantes: o romance e a informação. Para aproximar o narrador é preciso aumentar a distância que se encontra dele, isso ocorre porque qualquer contexto ou conceito que esteja engajado na visão de dentro do objeto, não permite um entendimento do cenário como um todo, esse distanciamento faz-se necessário, pois somente através de um distanciamento é possível entender todo o contexto narrativo.

A experiência que passa de boca em boca é a fonte a que recorrem todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos. (BENJAMIN, 2012 p.214)

A narrativa tem grande importância, porque ela exerce um papel primordial para continuidade e existência da irmandade NA, visto que, uma reunião só acontece através das inúmeras narrativas trazidas pelos membros ali presentes.

O imaginário por trás do narrador traz consigo duas premissas iniciais, primeiro de uma pessoa viajada, ou seja, que traz consigo sempre histórias de outros lugares e consequentemente tem muita coisa dizer. E segundo de uma pessoa sábia, geralmente imaginada no corpo de representantes arcaicos, observando que a sabedoria consiste em toda experiência adquirida ao longo da vida, como já apresentado neste texto. De qualquer forma, uma característica fundamental da narrativa é sua utilidade.

O pensamento benjaminiano também aborda a dissolução da experiência, porque essas formas de comunicar perderam a presença que era fomentada pelo corpo e voz.

Ela traz sempre consigo, de forma aberta ou latente, uma utilidade. Essa utilidade pode consistir por vezes num ensinamento moral, ou numa sugestão prática, ou também num provérbio ou norma de vida- de qualquer maneira, o narrador é um homem que sabe dar conselhos ao ouvinte. (BENJAMIN, 2012 p. 216)

NA se utiliza da narrativa para chegar a seu propósito primordial: manter a mensagem de Narcóticos Anônimos viva. Essa mensagem baseia-se em sua literatura que diz: “Que nenhum adicto morra sem conhecer os caminhos de NA”, fica imprescindível citar, que essa mensagem, não é algo que apenas lemos em algum lugar, ela tem

significado vivo porque é dotado de experiências, que são as histórias pessoais de cada membro.

A sabedoria sempre se volta ao discurso narrativo, pois o homem só é receptivo a uma situação à medida que ele a verbaliza. Esse processo de verbalização acontece dentro das reuniões de NA, que é onde o membro possui alguns minutos para narrar suas histórias pessoais. Entretanto, compreende-se que o membro mais antigo tem mais sabedoria em relação a recuperação e também a todas normas da irmandade, uma vez que ele participa desses “Passos, Conceitos e Tradições” a mais tempo que o sujeito que acaba de chegar, e sobre esse contexto Benjamin explora: “Para obter essa sugestão, seria necessário primeiro saber narrar a história [...] O conselho tecido na substância da vida vivida tem um nome: sabedoria.” (2012, p.217). Ainda pensando nesse conceito apresentado, podemos verificar que a narrativa torna-se viva, a partir da presença do ouvinte, pois além de ouvir essas histórias, ele também pode repassá-la, a utilidade da narrativa de NA nasce desse processo narrativo e se apropria das outras narrativas relatada pelos outros narradores.

O “romance” se torna uma ameaça, porque não gera sabedoria, já que é a narração de um indivíduo isolado, esse romance aqui apresentado por Benjamin são só livros do gênero do romance, que escolhe um personagem e faz toda a narração através dele, isto é, um escritor sozinho escrevendo essa narrativa que posteriormente será lida, perdendo o então “boca a boca”, que Benjamin compreende como o fator mais importante da narração.

Com o surgimento da imprensa, somos bombardeados todos os dias por milhares de notícias, como Sarlo também aponta, viramos a sociedade do instante, na qual o tempo tem que ser o aqui e o agora. No entanto, todas essas informações, que trazemos para um contexto atual, seriam as notícias. Estes textos são repletos de explicações, consequentemente, ficamos ainda mais pobres de experiências, já que todas essas explicações nos privam de ter um entendimento do saber que vinha de longe, constituído da experiência do narrador, “metade da arte da narrativa está em, ao comunicar uma história, evitar explicações [...] Ele [o ouvinte] é livre para interpretar a história como quiser, e com isso o episódio narrado atinge uma amplitude que falta à informação.” (BENJAMIN, 2012, p.219), a liberdade de interpretação está cada vez mais distante, uma vez que os meios de comunicação atuais treinam seus profissionais para explicar cada notícia, explicando causa e efeito, impossibilitando algo que está em falta, que seria a empatia.

CAPÍTULO IV

A EXPERIÊNCIA DE NA NO GRUPO DA PAZ

A Casa de Detenção de São Paulo, popularmente conhecida como Carandiru²², existiu na Zona Norte de São Paulo, e foi inaugurada na década de 20. Em 1938 um interventor federal chamado Ademar Pedreira de Barros, legislou na Casa de Detenção o decreto 9.789.²³, que está entre os pontos mais importantes do decreto. É a partir desse momento que foi prevista a separação de réus primários e presos reincidentes; o documento também previa que os presos fossem separados pela gravidade de seus delitos.

Para tratar do tema proposto, a experiência de Narcóticos Anônimos dentro do Carandiru, delimitaremos uma abordagem do Carandiru, sob a concepção da própria irmandade sobre os fatos, não analisaremos a estrutura da penitenciária, ou do sistema prisional, nem mesmo as condições políticas dentro do nosso país, ou na cidade de São Paulo.

Reconhecemos todas essas interferências, mas o propósito da pesquisa é a Irmandade Narcóticos Anônimos e sua estrutura comunicativa e narrativa, ocorrida dentro daquele espaço.

O Carandiru chegou a abrigar cerca de nove mil presos, divididos em nove pavilhões, sendo considerado na época, o maior presídio da América Latina. Em 1992 ficou mundialmente conhecido pelo Massacre do Carandiru. O evento aconteceu em 2 de outubro de 1992, ocasionado por uma intervenção militar dentro do presídio, para conter uma rebelião no pavilhão 9, causando a morte de 111 detentos.

A Casa de Detenção de São Paulo foi desativada em 2002, sendo parcialmente demolida e no mesmo ano o terreno serviu para abrigar o Parque da Juventude.

22 Carandiru é uma estação da linha azul metrô de São Paulo, cuja linha é do Jabaquara ao Tucuruvi, e o presídio ficava em frente à estação Carandiru.

23 Esse decreto extingue a Cadeia Pública e o Presídio Político da Capital fazendo com que todos os presos que sejam presos desde então sejam imediatamente levados ao Carandiru. Fonte: Diário Oficial de São Paulo 1938. Podendo ser acessado pelo link: <https://www.al.sp.gov.br/norma/?id=125117>

4.1 O inventário do grupo da paz

O Grupo da Paz existiu dentro do Carandiru de 1996 a 2002, período que foi constituído como grupo institucional, mas NA já atendia a penitenciária anteriormente como painéis de H&I (Hospitais e Instituições).

Para a construção do inventário do Grupo da Paz, foi necessário reunir documentos, Atas e cartas dos detentos, que eram direcionadas para o endereço do CSA (Comitê de Serviço de Área) e também partilhas de membros que participaram do processo de instauração do grupo dentro do Carandiru. Algumas partilhas necessitaram de transcrição para fazer parte do material, os membros doaram seus direitos autorais para NA e seus nomes verdadeiros foram trocados, objetivando cumprir a Décima Segunda Tradição que prevê o anonimato de seus membros.

Todo conteúdo do inventário é escrito através da experiência dos membros que participaram do grupo dentro do Carandiru, “reunir as partilhas de alguns companheiros que vivenciaram esta aventura e publicá-las com o objetivo não apenas de registrar nossa história, mas com o intuito de incentivar os membros a levar a mensagem” (GRUPO DA PAZ, 2015, p.1), os manuais e inventários dentro da irmandade servem para registro dos serviços prestados por NA para a sociedade, mas também, pretende encorajar mais experiências como esta.

O conteúdo que faz parte dos manuais de H&I são realizados de duas formas: a primeira, é justamente as diretrizes de como deverá ser feito o serviço, portanto o que pode ou não se fazer, como deverão ser feitos os treinamentos dos membros interessados, os critérios para que esses membros possam participar ou não dos painéis, quem pode ser o coordenador do subcomitê, entre outros manuais são milimetricamente estudados pelos membros. Nada pode sair ou entrar daquele manual sem prévia autorização e votação da irmandade. Portanto, estudar o material é imprescindível, mas quando tratamos de uma questão muito específica, entramos na segunda utilidade do manual, que são as experiências escritas pelos membros em forma de atas e inventários, caso que aconteceu como o inventário do Grupo da Paz e que serviu de experiência para a irmandade, a fim de atender outras penitenciárias. O primeiro presídio a ser atendido por NA foi o Carandiru, então diversas experiências que aconteceram ali contribuíram como suporte para os novos objetivos de expansão de Narcóticos Anônimos no atendimento a presídios no Brasil. Ou seja, o próprio inventário serve para estudo, essa experiência que acontece através da comunicação expressa pelos relatos de seus membros, além de legitimar os conceitos e tradições da irmandade, cria ambiência e organiza a experiência subjetiva que se torna concreta e coletiva.

O serviço na Casa de Detenção só se iniciou, porque uma companheira tinha seu marido detido. O serviço de H&I na área simplesmente não existia, não tinha material, não tinha guias, não existia reunião... O que existia na época, eram apenas alguns companheiros que realizavam reuniões em instituições, mas tratavam-se apenas de iniciativas próprias e pessoais dos companheiros. (GRUPO DA PAZ, 2015, p.3)

As discussões acerca do subcomitê de H&I começaram em um grupo de NA denominado como Grupo São Luiz, situado na Rua Haddock Lobo em São Paulo. Foi lá o local das primeiras experiências trocadas sobre o assunto. Neste momento a Irmandade Narcóticos Anônimos atendia algumas clínicas de reabilitação, porém a mais conhecida era o Centro de Tratamento Bezerra de Menezes, que fica em São Bernardo do Campo, cidade da grande São Paulo.

Já em 1994, segundo o próprio inventário, ocorreu um evento mundial de NA que tinha como objetivo ser um fórum de serviço, ou uma convenção, e então, um membro foi enviado a São Paulo para o evento, buscando trazer materiais traduzidos para português de Portugal.

A começar deste fato, os então interessados em iniciar os atendimentos em instituições tinham em mãos apenas um material de estudo que continha três folhas. Em suma, era um material que dizia o que poderia ou não se fazer dentro de uma instituição.

Com o avanço dos estudos começamos atender as instituições. Primeiro assumimos as que os companheiros iam sozinhos, depois começamos a expandir para outras, porém não se passava uma semana se quer, sem se falar na Casa de Detenção, na maioria das vezes era a companheira que iniciava o assunto que sempre acabava com muita polêmica e discussão. Havia na época um medo enorme de se visitar um presídio não havia companheiros com experiência e a cada reunião em que o assunto era discutido, uma correnteza de absurdos era falado. Falava-se de tudo, que os companheiros seriam mantidos reféns, que nós não tínhamos que frequentar aquele lugar, mas no final a companheira sempre dizia que nós tínhamos era medo..., e que aquele lugar estava repleto de nosso povo, adictos que tinham o direito de conhecer nossa mensagem... E depois de muita, mas muita discussão decidiu-se realizar o primeiro contato com a direção da Casa. (GRUPO DA PAZ, 2015, p.3)

A irmandade formalizou um ofício e enviou para a direção da Casa de Detenção, porém como um membro já tinha um certo contato com a direção do Carandiru, a irmandade não teve maiores problemas, a não ser os internos, pois, todo esse processo de ir ou não atender o presídio, deveria passar pela aprovação da “área”, e depois de muita discussão foi decidido que os interessados poderiam partir para a efetivação desse atendimento. Todavia, surgiram novos problemas:

Nessa altura a tradução do manual ou guia de H&I ficou pronta e começávamos a estudá-lo nas reuniões, porém uma nova discussão surgiu, as companheiras que frequentavam o subcomitê queriam participar da reunião que seria realizada. Para a solução da discussão até agressão física aconteceu, me lembro de uma companheira inconformada com o impedimento de ir à reunião, jogou uma cadeira nos companheiros na reunião do CSA. (GRUPO DA PAZ, 2015, p.3)

Vale ressaltar que no Manual de H&I (2007) está determinado que mulheres só podem participar de painéis e reuniões de H&I em instituições femininas, e os homens, somente instituições masculinas, podendo homens e mulheres frequentarem e participarem dos mesmos painéis e reuniões caso a instituição seja mista. Isto é, por mais que a iniciativa de atender o Carandiru tenha partido de uma mulher, nenhuma reunião do Grupo da Paz teve presença feminina em toda sua duração.

O Narcóticos Anônimos conseguiu autorização da direção do presídio para realizar sua primeira reunião, mas precisava seguir as orientações e normas da penitenciária, portanto, o processo de divulgação aconteceu da seguinte forma, primeiramente os membros começaram pelo Pavilhão Quatro e de lá foram para dentro das escolas dos pavilhões avisando que no dia “x”, em tal horário aconteceria a reunião, explicando também um pouco sobre o que era a irmandade, a doença da adicção e sobre a recuperação.

NA chegou no Carandiru em um momento bem delicado dos anos 90, pois era um presídio tomado pelo vírus HIV e a maioria dos presos teve sua contaminação pelo uso de drogas. Em relação à AIDS, o Dr. Drauzio Varella em seu livro Estação Carandiru (2002) expõe:

Em 1989, vinte anos depois de formado médico cancerologista, fui gravar um vídeo sobre AIDS na enfermaria da Penitenciária do Estado, construção projetada pelo arquiteto Ramos de Azevedo nos anos 20, no complexo do Carandiru, em São Paulo. Quando entrei e a porta pesada bateu atrás de mim, senti um aperto na garganta igual ao das matinês do cine Ri-

alto, no Brás. Nas semanas que se seguiram, as imagens do presídio não saíram da cabeça. Os presos na soleira das celas, o carcereiro com a barba por fazer, um PM de metralhadora distraído na muralha, ecos na galeria mal iluminada, o cheiro, a ginga da mandragem, tuberculose, caquexia, solidão e a figura calada do Dr. Getúlio, meu ex-aluno no cursinho, que cuidava dos presos com AIDS. Duas semanas depois, procurei o Dr. Manoel Schechtman, responsável pelo departamento médico do sistema prisional, e me ofereci para fazer um trabalho voluntário de prevenção à AIDS. Na conversa, o Dr. Manoel me explicou que a situação da epidemia na Penitenciária não era das piores se comparada à dos 7.200 presos da Casa de Detenção, o maior prédio do país, situado no mesmo complexo, de frente a movimentada Avenida Cruzeiro do Sul. (VARELLA, 2002, p.5)

Os membros de Narcóticos Anônimos andavam pelo presídio acompanhados de um funcionário, que ia explicando para eles a dinâmica de cada Pavilhão e os levavam a enfermaria, local que ficava no Pavilhão 5 do Carandiru, onde havia cerca de 150 doentes em estágio terminal. Mesmo assim o funcionário foi explicando para os presos que lá estavam quem eram aquelas pessoas, a irmandade estava fazendo uma promessa de esperança a eles, porém para muitos daqueles a esperança não era mais uma possibilidade:

Lembro-me que chegamos próximo de um leito, que na verdade era um colchão no chão, onde estava um preso muito, mas muito debilitado, o agente tentou acordá-lo, mas ele não respondia, até que ele se mexeu um pouco, o senhor conversou com ele explicou quem éramos nós, o rapaz nos chamou para perto dele, o agente como que autorizando nossa aproximação me fez um sinal com a cabeça como quem diz “Não precisa ter medo”, e me aproximando o rapaz sussurrou: “VOCÊS SÃO ANJOS ENVIADOS POR DEUS, PENA QUE PARA MIM JÁ É TARDE”, fiquei paralisado... (GRUPO DA PAZ, 2015, p.4)

Existia um medo de represálias sobre o início das reuniões, mas o que foi percebido imediatamente pelos membros, é que ali se tratava de um local repleto de adictos. Então, em primeiro momento, as reuniões aconteciam uma vez por mês, posteriormente passaram a ser quinzenais, até chegar o momento de ser semanal.

Somente com os painéis de H&I a irmandade já tinha conseguido atrair muitos interessados em conhecer a mensagem de NA, mas logo

foi detectado que esse modelo não surtia mais tanto efeito, e isso ocorria porque os detentos também queriam partilhar suas histórias, tinham pessoas inclusive que já conheciam a irmandade, e que mesmo presos continuavam “limpos”, porém, mesmo sendo membro de NA o painel tem de seguir à risca o que diz o manual. E lá diz que só são permitidas perguntas e respostas sobre o programa, nunca em cunho pessoal, ou seja, se o sujeito preso quisesse partilhar seus sentimentos, ele precisaria ir até uma reunião, porque é na reunião o local que os membros têm espaço para relatar suas histórias, mas se o sujeito encontra-se preso, não tem como ir para uma reunião.

Bem cedo descobrimos que o modelo de painel de H&I, de partilha dos membros (membros externos de NA), perguntas e respostas estavam insuficientes, pois os residentes tinham necessidade de falar também de seus sentimentos, medos e aflições e chegamos através de consciência coletiva que seria melhor, criar um modelo de painel que se aproximasse de nossas reuniões de partilha fechada. Eles devoraram a literatura que distribuímos e se reuniram durante a semana entre eles. (GRUPO DA PAZ, 2015, p.5)

Encontrar uma alternativa para ajudar aqueles detentos a se manterem “limpos” foi um grande desafio para o NA. Atender um presídio já era algo novo demais para uma irmandade tão nova, um grupo institucional estava fora de cogitação, a única experiência documentada pela irmandade em âmbito mundial, era um livreto chamado “*Por trás das Grades*”. O material tratava de outro tipo de experiência da irmandade, pois não envolvia nada parecido com que os membros de São Paulo estavam fazendo, no “*Por trás das Grades*” não existia painel de H&I ou grupo institucional, é apenas um livreto que faz relatos sobre membros encarcerados, com a intenção de dar esperança a membros que por alguma razão foram presos após estarem “limpos”, então não tinham como obter suporte da irmandade neste aspecto.

4.2 A importância da literatura

Benjamin (1933), esboça a respeito da experiência sua crítica, a qual expõe que a modernidade diminuiu a experiência coletiva, pois tudo aquilo que era passado de “boca em boca” e que se aprendia ouvindo, não tinha mais espaço em uma sociedade que estruturava a técnica.

A forma de experiência coletiva precisava de uma série de regras sociais para existir, de certa forma, necessitava de uma troca entre o individual e o coletivo, entretanto, assim como em O Narrador (2012), Benjamin aponta que esse tipo de troca está em extinção e a modernidade seria a grande responsável por este fato, em virtude de ser a informação e o romance, técnicas oriundas da era moderna.

As formas da experiência rigorosamente comunitárias (primitivas) passavam necessariamente pelo rito – conjunto de gestos, expressões, sentimentos e ações – que enquadra as maneiras de expressão individual numa rede de significantes coletivos (modos de contar, hábitos, modos de produzir), parte de um grande esquema nos quais são adestrados os impulsos individuais. (MEINERZ, 2008, p.15)

O grande impacto da experiência ocorre por conta dessa nova configuração social moderna, que otimiza as pessoas a serem centradas em si, em seu próprio mundo, onde cada um pode viver da forma que quiser, desvinculando-se do todo (o coletivo), a experiência corporal vivida presencialmente, aprendida e repassada de pessoa para pessoa, entra em crise.

Narcóticos Anônimos retoma essa forma de experiência coletiva, dentro de uma sociedade moderna e para além de construir experiência coletiva, NA mantém a forma de repassar conhecimento e aprendizado a partir dos relatos fundados da experiência de seus membros.

Sua literatura escrita funciona também como um aprendizado teórico (aprendizado este construído por experiências), que tem como objetivo criar em seus membros uma postura questionadora sobre suas condições e ideias, percebendo que “os passos” são a forma do sujeito entrar em contato consigo mesmo, isto é, seria uma forma de resgatar a reflexão que vai além da fala. Por isso, a literatura alimenta o sistema e a narrativa oral. Um relato de sucesso legitima os passos, os métodos de NA e a literatura legitima o relato individual, pois se alguém conseguiu é porque há uma importância na estrutura e no método exercido pela irmandade. Portanto, esse aprendizado realizado através da literatura e dos relatos dentro da reunião são métodos exercidos pela irmandade.

Mesmo que a irmandade defenda em sua Segunda Tradição “Para o nosso propósito comum existe apenas uma única autoridade – um Deus amoroso que pode se expressar na nossa consciência coletiva”, podemos perceber que a autoridade dentro de NA seria as próprias “Tradições e Conceitos”, pois são através delas que a irmandade continua seguindo

suas diretrizes e estrutura da forma que é “de fato, nossos líderes são apenas servidores de confiança, eles não governam. Mas nos mostram o caminho. Encorajam-nos a voltar e não desanimar” (GRUPO DA PAZ, 2015, p.2), para poder participar dos painéis de H&I existem alguns pré-requisitos “boa vontade, e algum tempo limpo, são os principais requisitos. Todos reunidos com o mesmo propósito: levar a mensagem ao adicto que ainda sofre” (GRUPO DA PAZ, 2015, p.2), o interessante é que todos os requisitos feitos para irmandade servem para seguir seu objetivo, cujo propósito é apresentado na Quinta Tradição de Narcóticos Anônimos: “Cada grupo tem apenas um propósito primordial – levar a mensagem ao adicto que ainda sofre”.

Como podemos observar existe a presença das “Tradições e dos Conceitos” e todas as atividades realizadas pela irmandade de Narcóticos Anônimos. Para cumprir a Quinta Tradição, que é o propósito primordial de levar a mensagem a qualquer adicto, apresenta-se o objetivo do subcomitê de H&I:

Levar a mensagem ao adicto que ainda sofre. Especialmente aos que estão privados de liberdade, reclusos por terem sido “apanhados”. Enquanto cumprem suas penas, nós da irmandade de Narcóticos Anônimos pensamos em alcançar adictos que precisem de NA. Porque só dando podemos manter o que temos. E temos: Fé, força e esperança para oferecer. (GRUPO DA PAZ, 2015. p.2)

A experiência de NA é apresentada, relatada, narrada e repassada aos membros de duas formas: a primeira, a reunião que é considerada o pilar mais importante da recuperação; a segunda, a própria literatura. O que o subcomitê de H&I oferece são painéis que visam levar uma reunião de NA a pessoas que não podem frequentar uma reunião.

4.3 As reuniões do grupo da paz

NA iniciou seu trabalho com o Carandiru no formato de painéis e H&I, mas antes de apontarmos como aconteciam os painéis seria interessante apresentarmos como foi o processo até o painel existir.

O primeiro passo para um painel acontecer são os treinamentos oferecidos pelos membros que são coordenadores²⁴ de H&I, todo o

24 Cada CSA tem seus subcomitês, e cada área é responsável por atender instituições que são pertinentes a sua área que é delimitada por zonas SUL, LESTE,

treinamento é realizado a partir do manual de procedimentos, nele consta tudo sobre como fazer um painel, o que pode ou não fazer, ou seja, todas as diretrizes necessária para tal, porém a maior dificuldade encontrada neste período é justamente a falta desses manuais, já que a irmandade era recente no Brasil.

Aos 90 dias limpos, recebi o convite para fazer treinamento de H&I – IP. O Vice coordenador do Comitê recém-formado fez o convite. Tudo era novo em NA. Havia orientações, mas não tínhamos os Manuais aprovados. Mas éramos movidos pelo desejo de levar a mensagem ao adicto que ainda sofre e tive o privilégio de receber meus primeiros treinamentos. [...] Disseram-me para falar por dez minutos. Quatro minutos para falar de ativa²⁵ e seis minutos para falar de recuperação. Assim fiz, com o tempo controlado por outro companheiro. Após minha partilha, os companheiros fizeram várias perguntas. Respondi-as. Disseram-me então que fariam os comentários e que eu deverias apenas ouvir, não contestar. Portanto não haveria retorno, nem espaço para justificativas. Nem espaço para debates. (GRUPO DA PAZ, 2015, p.2)

O treinamento funcionava assim, o membro tem um tempo cronometrado para contar sua história, antes de chegar em NA (a ativa) e quando chegou em NA (a recuperação), o painel era aberto para perguntas dos presentes. No painel que não era referente aos membros, mas, os presentes do painel que não era membros não poderiam usar o direito de fala, já que somente os membros de NA podem usar esse direito, logo, pessoas que não fazem parte da irmandade só podem ouvir.

Para quem faz parte do subcomitê de H&I existem treinamentos periódicos, e reciclagem para que o propósito do subcomitê não seja colocado em risco, seguindo as “Tradições e Conceitos” de NA. Como já citado dentro da Décima Segunda Tradição “lembrando-nos sempre de colocar princípios acima de personalidades”, isto é, que o princípio de NA é maior que qualquer individualidade.

O nome consciência coletiva aparece de várias formas dentro da literatura de NA, como todas as pautas são discutidas no grupo e votadas pela maioria de votos, o resultado dessa votação é nomeado como consciência coletiva. Dependendo do que seja proposto, essa

NORTE etc.. E cada subcomitê existem coordenadores, membros responsáveis pelo funcionamento do subcomitê. Fonte: MANUAL DE H&I. Disponível: https://xa.yimg.com/kq/groups/Bx...-/name/Manual_de_H%26I.pdf

pauta é discutida em várias instâncias, ou seja, primeiro passa pelo grupo, depois passa pela “área” e dependendo ainda do fato, pode ser submetido a “região” e até mesmo ao “mundial”.

Isso acontece com o Inventário do Grupo da Paz, a intenção dos membros era tornar esse material reconhecido como uma literatura oficial de NA, contudo o inventário permanece em votação, que até o momento é apenas um compilado de partilhas, cartas e atas dos painéis e instauração do Grupo da Paz, não sendo ainda reconhecido como uma literatura oficial de NA, mas um documento que fala sobre NA e que é de experiências de NA.

A experiência consiste na experimentação, é pautada pela prática. A prática exercida pelo Grupo da Paz trouxe para a irmandade uma experiência que ainda não tinha sido vivenciada, justamente por isso que é tão importante.

Apesar da oficina da área Sul atender instituições que trabalhavam os 12 passos, em uma das reuniões do comitê falamos sobre a importância em priorizar instituições que não aplicavam “12 passos” aos adictos em tratamento. Pensar em instituições carcerárias foi assustador. Não havia experiência nesse tipo de serviço, em nossa área e os companheiros de Campinas foram pioneiros na região Brasil. (GRUPO DA PAZ, 2015, p.6)

O Grupo da Paz foi o primeiro grupo institucional do Brasil, sendo idealizado e realizado pelos membros de São Paulo, “[...] experiência, enquanto ato ou efeito de experimentar, significa prática de vida indicando o fato de suportar ou sofrer algo, como quando se diz que se experimenta uma ou uma alegria” (MEINERZ, 2008, p.19). Narcóticos Anônimos conhece todo o processo que envolve a adicção, ou seja, desde a experimentação da droga, o sujeito que se torna viciado, a derrota para droga e de tudo que envolve ser um adicto, até como funciona o processo de recuperação. Conhecer através de práticas reais todo esse processo, permite que o NA seja uma forma eficaz de tratar seus membros e toda essa eficiência acontece em suma por alguns fatores, quais sejam: a experiência, a narrativa e a literatura, “quem tem acumulado experiências possui algo que lhe confere autoridade, evidenciando uma distância que separa a ingenuidade juvenil da experiência de vida própria do ancião” (MEINERZ, 2008, p. 19). A autoridade de NA é reconhecida e mesmo que ela não tenha uma face, é intrinsecamente conhecida, a autoridade dentro da irmandade é viva e presente através dos “Conceitos e Tradições”.

Existe um certo distanciamento do membro para a irmandade, pois as “Tradições” evidenciam que o mais importante é Narcóticos Anônimos que está acima de qualquer membro, ou interesse, fazendo com que o interesse dos membros sejam alinhados com o interesse da própria irmandade, e que são de responsabilidade dos membros fazerem com que esses propósitos sejam realizados seguindo todos os preceitos de NA.

A primeira reunião oficial de NA dentro do Carandiru aconteceu. O processo é narrado em dois tópicos dentro do inventário, o primeiro denominado como “a 1ª reunião de H&I” e o segundo pelo tópico “reconhecimento da eficácia do programa”. Algo importante é que enquanto estavam divulgando as reuniões, foi percebido que dentro do Carandiru existiam muitas pessoas de outras nacionalidades e para atender essas pessoas foi necessário solicitar literaturas em outras línguas: “Percebemos que haviam pessoas de outros países, como europeus, latinos, africanos e sentimos a necessidade de fornecer literatura em outros idiomas e solicitamos a ACS ou mundial que nos atendeu prontamente” (GRUPO DA PAZ, 2015, p.6).

Enquanto a primeira reunião de NA acontecia na Casa de Detenção, alguns presos usavam drogas e assopravam a fumaça para dentro do local, de uma certa forma, NA não era bem-vindo por todos ali, mas os profissionais de saúde que trabalhavam no Carandiru conheciam o trabalho da irmandade e o crescimento das reuniões aconteceram e foi através de votação que os próprios detentos deram o nome do grupo, batizado de “O Grupo da Paz”.

Conforme as reuniões aconteciam, os detentos foram ingressando em NA e começaram a adquirir tempo “limpo”. No primeiro aniversário do Grupo da Paz, começaram as primeiras trocas de fichas, lembrando que as trocas de fichas acontecem toda vez que um membro completa mês, ou ano sem o uso de drogas; um membro relata como foi trocar a ficha de um preso:

Tive o prazer e a honra de trocar sua ficha de 2 anos limpos. Na troca, ele disse que morava num “X” com mais de 15 pessoas, 13 usando drogas na cela e soltando fumaça na sua cara. Eles o provocavam afim de que ele e outro residente usassem drogas também. Ele disse que NA é mais forte do que aqueles 13 caras usando e que ele não precisava mais usar só por aqueles momentos. Falou que o mais será revelado em sua vida através do programa. Na minha reflexão, percebi que se esse companheiro, nessas condições, não usava mais droga, qual era a minha dificuldade? (GRUPO DA PAZ, 2015, p.7)

Quando os membros externos de NA decidiram atender o presidio, a intenção era de levar a mensagem de recuperação de NA, mas com o passar do tempo a experiência dos membros externos foi repassada aos membros internos, que começaram também construir suas próprias experiências e em algum momento a recuperação dos membros internos e externos começou a ser uma via de mão dupla, cumprindo o *Texto Básico* (2015) “somos adictos em recuperação, que nos reunimos regularmente para ajudarmos uns aos outros a nos mantermos limpos” (p.10). Esse processo de identificação só é possível porque a narrativa unida do corpo e da voz, como Sarlo (2005) defende, faz com que seja reconhecido de forma imediata a experiência que une todos os membros, porque de uma forma ou de outra, as narrativas dos membros externos e internos acabam sendo muito próximas.

A partir do momento que os encontros do Grupo da Paz se tornaram reuniões de NA, entrou em cena a questão da narrativa, esse elemento acontece dentro da reunião que é o espaço físico onde os relatos dos membros são narrados para os membros que estão presentes na reunião.

Benjamin explora no texto O narrador (2012), o declínio da experiência. Isso resultaria na extinção dos narradores que repassam suas experiências através da narrativa, entretanto o narrador se mantém vivo dentro de NA, pois é a forma comunicativa utilizada pela irmandade. Uma reunião acontece com os membros narrando todo processo de recuperação e tudo que ele passou neste tempo, fazendo com que o conceito que Benjamin defende de que o narrador necessita ter algo para passar, entra em voga. Porque os membros mais antigos repassam seus conhecimentos para os membros mais novos, papel que Benjamin atribui ao narrador, porém a narrativa sozinha não conseguiria cumprir tudo a que NA se propõe. Com efeito, a presença também se faz necessária, e para isso, entra em cena o corpo, que por conta de sua imediatibilidade, permite que a narrativa seja imediatamente repassada, justamente por isso a importância da presença, porque se mediássemos o corpo do adicto, perderíamos a instantaneidade da sua experiência, que serve de exemplo para os outros membros.

Adentrando a forma comunicativa representada nas reuniões de NA, o narrador que Benjamin dialoga é apresentado pelos membros externos da irmandade, que vão até o Carandiru divulgar a mensagem de Narcóticos Anônimos, narrando suas experiências pessoais acerca da recuperação. Não obstante, o corpo se apresenta como o meio de transportar essa mensagem.

O corpo vem sendo estudado por diversas abordagens teóricas, Baitello (2010) busca trazer o corpo para o contexto midiático, dessa

perspectiva, é apresentado como mídia. Portanto, para Baitello existem três modos de mediações que permeiam sua discussão acerca de uma nova Teoria da mídia defendida pelo autor. E então:

Na comunicação primária, os participantes não contam com outros recursos senão aqueles que seu próprio corpo possui (os sons e ruídos naturais, os gestos e a aparência, os odores naturais). Sua principal característica é a presença imediata dos corpos no mesmo tempo e no mesmo espaço, por isso é chamada de comunicação presencial. (BAITELLO, 2010, p.62)

Baitello abarca suas reflexões sobre os estudos da comunicação primária de Hanry Pross. Pross em 1970 fez a tipologia da mídia, essas tipologias são a mídia primária, secundária e terciária e o que vale destacar é justamente seu pensamento expansivo da mídia, que não se compreende apenas como os meios de massa “não apenas os meios de massa e os protomeios de massa, mas também os meios de comunicação interpessoal como a oralidade” (BAITELLO, 2010, p.63). Pensando na irmandade de NA, podemos observar dois pontos importantes apresentados por Baitello, um é o da presença, porém a presença defendida por Baitello é a presença física do sujeito, e o segundo ponto seria a oralidade.

NA acontece por consequência da presença dos membros, no mesmo tempo e espaço narrando suas histórias, mas esse processo não consiste somente através desses dois pontos, a irmandade tem uma estrutura que não depende apenas da presença e oralidade, existem outras complexidades incluídas nesse processo, mas que são decorrentes da presença e da oralidade. Trata-se da narrativa e da experiência, pois juntas compõem o que é necessário para a literatura.

O que é visível neste tipo de comunicação é que entre o polo emissor e o polo receptor existe uma imediatibilidade, e essa possibilidade é possível por conta da presença, “toda comunicação humana começa na mídia primária, na qual encontram cara a cara e imediatamente presentes com seu corpo, toda comunicação humana retorná a este ponto” (PROSS, APUD BAITELLO, 1971, p.127).

Os aniversários do Grupo da Paz eram itinerantes, cada ano acontecia em um pavilhão diferente. Isso aconteceria porque cada preso ficava restrito dentro do seu próprio pavilhão, sendo proibido de circular nos demais.

Raramente as reuniões eram feitas no Pavilhão 9²⁶, mas quando aconteciam os presos participavam e se emocionavam bastante na reunião, dando certeza a irmandade de que seu papel estava sendo cumprindo “[...] com a certeza de que a mensagem estava de fato transformando os membros daquele grupo.” (GRUPO DA PAZ, 2015, p.9). Essa confiança que se estabeleceu entre os membros externos e internos só foi possível, porque todos tinham algum ponto parecido em suas histórias, mesmo que as realidades fossem distintas, a doença era a mesma.

Sarlo (2005) explora conceitos para o entendimento da importância do relato, visto que, para a autora o relato é fundamental para a interpretação da história e além disso, a construção do relato acessa os campos mais profundos do pensamento e das lembranças do sujeito, fazendo-o entrar em contato com a própria história. Esse paralelo que ocorre por meio da experiência constrói a narrativa, mediada pelo corpo contribuem para que irmandade continue se configurando como é.

Em 2002 o governador de São Paulo Geraldo Alckmin ordenou a desativação do complexo do Carandiru, do qual todos os presos foram transferidos, para que o presídio fosse parcialmente demolido a fim de dar lugar à construção do Parque da Juventude, pondo fim ao trabalho de NA dentro da penitenciária:

Muitos pensam que em 2002 foi realmente o fim do Grupo da Paz. Mais eu tenho um segredo para dividir com todos vocês. O Grupo da Paz não fechou e nunca fechará suas portas. Quem dirigiu este serviço foi um Deus amoroso que através de todos os participantes que foram transferidos (foram de bonde) dali para outros presídios pudessem levar com eles muitas vezes a única coisa além das vestes do corpo: A mensagem de NA. (GRUPO DA PAZ, 2015, p.11)

O corpo é o transportador de NA, mas a mensagem continua sendo repassada pois, o armazenamento dela acontece nos próprios membros, ou seja, a mensagem só morre quando o corpo morrer, enquanto o corpo existir a mensagem poderá ser repassada e isso aconteceu no Grupo da Paz, após a transferência dos presos para outras penitenciárias. A mensagem se disseminou, gerando diversos contatos de penitenciárias com as áreas de NA, solicitando painéis de H&I em presídios que não tinham este serviço:

26 Foi no Pavilhão 9 que aconteceu o Massacre do Carandiru, era neste pavilhão que os presos primários iam quando chegavam no Carandiru, e por serem novos no crime não seguiam as leis da cadeia, não se preocupando com as consequências de seus atos. Fonte: Inventário do Grupo da Paz, 2015,

Recebemos uma carta de um Presídio em Mongaguá, onde o diretor requisitava nossa presença para ali iniciarmos nosso trabalho. Entramos em contato com os companheiros de H&I da área Caminho do Mar que prontamente iniciaram o contato e vieram a descobrir que um dos nossos companheiros participantes do Grupo da Paz, havia feito uma carta e encaminhado lá dentro para a diretoria. (GRUPO DA PAZ, 2015, p.11)

Narcóticos Anônimos tem uma vasta estrutura, vários subcomitês, mas essa estrutura é arraigada pelas reuniões, pois o processo de recuperação se dá na reunião, lá é o local onde a experiência é repassada para os membros e é também nas reuniões que são construídas as experiências coletivas. Os subcomitês são apenas um braço da irmandade, cujo objetivo é divulgar a irmandade.

O primeiro passo seria a divulgação da irmandade, porque de uma forma ou de outra todo membro de NA tem de passar por alguma reunião, compreendendo que para participar dos subcomitês o membro deve ter algum tempo “limpo”. Esse requisito existe por questões bem importantes, primeiramente, porque o novo membro não possui ainda experiência suficiente sobre a recuperação para passar, sendo de responsabilidade dos membros mais velhos ajudarem esse membro a se orientar dentro das diretrizes da irmandade, segundo, porque os membros novos têm apenas uma única responsabilidade quando entram, que é ficar “limpo”, algo que já é bem complexo, portanto entrar na complexidade do serviço de NA talvez não auxilie a recuperação.

De qualquer forma uma coisa é clara, enquanto seus membros continuarem narrando suas histórias dentro das reuniões do Narcóticos Anônimos seguirá crescendo, porque as diretrizes e a forma que a irmandade se organiza possibilita que os membros fiquem cada vez mais experientes dentro do processo de recuperação e cada vez mais responsáveis para continuar levando a mensagem de NA, sendo o corpo, o aparato mediador dessas narrativas e transportador desse mensagem.

CONCLUSÃO

Nossos costumes, conhecimentos e tradições na maioria das vezes chegam até nós por outros meios e não necessariamente por meios audiovisuais. Estamos tão habituados com os aparatos técnicos, que não percebemos as comunicações primárias. É óbvio que isso se caracteriza principalmente porque um novo modo de comunicação não anula o outro, porém é tão claro para nós essa junção de oralidade, escrita, hipertextos, tecnologia, que não as distinguimos uma da outra.

No sistema moderno de comunicação das sociedades ocidentais, seja baseado na transmissão oral ou na escrita, as informações eram simplesmente representadas, isto é, apresentadas ao receptor numa forma isenta de sua dinâmica ou de seu fluxo original, o que implica como principais recursos de linguagem a palavra e o conceito (SODRÉ, 2002, p.16).

Narcóticos Anônimos utiliza os dois tipos de oralidade em seu formato, porém vale acrescentar que os dados preliminares confirmam em relação à reunião a marca da oralidade primária e seus comitês de serviço na secundária “nas sociedades sem escrita, a produção de espaço-tempo está quase totalmente baseada na memória humana associada ao manejo da linguagem”. (LÉVY, 2006, p.78).

Narcóticos Anônimos vem crescendo dia após dia desde que chegou no Brasil, sua trajetória dentro do subcomitê de H&I busca levar a mensagem de NA para quem não pode frequentar reuniões. A experiência adquirida no Grupo da Paz, abriu as portas para reconhecimento da irmandade pelos profissionais que lideram casas de reabilitação e penitenciárias. Atualmente NA atende a Fundação Casa em diversas regiões do Brasil, CDP's²⁷, centros de tratamentos, albergues, clínicas psiquiatrias e comunidades terapêuticas, com total embasamento dos manuais e das literaturas oficiais de NA.

Pensando na dinâmica das reuniões de NA, o narrador apresenta-se através do corpo dos membros que não estão presos e o ouvinte no corpo dos detentos. Esse narrador que é o membro “solto” tem a função de trazer para aqueles detentos uma mensagem de força, fé e esperança.

O papel do narrador mostrado por Benjamin é um narrador que imaginam que seja alguém viajado, que vem de fora e conta as histórias

27 CDP'S são Centros de Detenção Provisórios, que é o local que os presos ficam até encontrarem alguma vaga em penitenciárias.

de suas vivências. No Grupo da Paz esse narrador é vivo, observado que, os membros que não são detentos, trazem de fora suas experiências pessoais. Eles que acabam servindo de exemplo para os presos que passam por situações semelhantes as de dentro da prisão. Benjamin defende ainda que o narrador é um homem que sabe dar conselhos ao ouvinte e essa relação só é possível por conta das experiências que os membros têm em comum. A relação narrador e ouvinte têm grande valor para a irmandade de Narcóticos Anônimos, já que não existe divisão um do outro, uma vez que dentro de uma reunião todos são narradores e ouvintes. Essa configuração existe porque cada membro tem um tempo específico para partilhar, enquanto os outros membros ouvem em silêncio, e a utilidade dessa relação, que é o processo de falar e apropriar-se do que foi dito que gera experiência, que pode ser vivenciada, ou ouvida dentro das reuniões.

A experiência é o que mantém a irmandade, porque o novo membro observa suas experiências na narrativa de outro membro que às vezes nem conhece sua história, então essa ligação permite credibilidade ao processo de recuperação, sem contar que a partir do momento que o sujeito se enxerga em outra pessoa que até então não fazia parte de sua rotina, faz com que ele busque trilhar todos os passos para também construir uma boa recuperação, pois, a experiência de um gera sabedoria, que auxilia na recuperação do outro.

E assim, a narrativa se mantém com todas essas características dentro da irmandade, é como se todas as tradições e conceitos vivenciados por eles, os privassem das ameaças que a narrativa sofre. Benjamin argumenta que os aparatos técnicos que a sociedade moderna produziu, causaram um declínio da experiência, antes adquirida em suma pela audição das narrativas das pessoas que tinham sabedoria. Sarlo, por sua vez, compreende que a sociedade instantânea, rompeu as estruturas que o tempo e espaço causam, isto é, um certo enfraquecimento do passado, o que podemos observar é que a Irmandade Narcóticos Anônimos não aderiu nas regras sociais dessa sociedade moderna, tendo as mesmas estruturas utilizadas pelas comunidades orais.

A narrativa apresenta-se no contexto mais puro, que só é permitido por conta do imediatismo do corpo e da voz, livres de qualquer tipo de mediação. Portanto, a mídia primária, apresentada por Baitello (2010) expõe que a comunicação surte um efeito mais direto quando não existem mediações, é a forma que a irmandade possui para não perder sua eficiência, porque são os membros ali presencialmente, apenas com seu corpo e sua voz narrando suas histórias, ouvindo as histórias de outros membros, conquistando, construindo e repassando

UMA NARRATIVA DE EXPERIÊNCIA COMUNICATIVA:
Estudo de caso sobre as formas comunicativas praticadas pela comunidade de
Narcóticos Anônimos através do Grupo da Paz.

conhecimentos juntos, que torna possível a recuperação. O que dá possibilidade para que o programa de recuperação de NA continue diz respeito à comunicação. Compreendendo que são através das práticas comunicativas apresentadas nessa pesquisa, que a irmandade sobrevive.

BIBLIOGRAFIA

BAITELLO, Norval Júnior. **A serpente, a maçã e o holograma**. São Paulo: Paulus, 2010.

BAITELLO, Norval Júnior. O tempo lento e o espaço nulo: mídia primária, secundária e terciária. In: FAUSTO Neto Antônio et al. (Org). **Interação e sentidos no ciberespaço e na sociedade**. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2001.

BRETON, Philippe; PROULX, Serge. **Sociologia da Comunicação**. 4 ed. São Paulo: Loyola, 2002.

BAITELLO, Norval Júnior. **A era da iconofagia: reflexões sobre a imagem, comunicação, mídia e cultura**. São Paulo: Paulus, 2014.

BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica**. 1. ed. Porto Alegre: Zouk, 2012.

BENJAMIN, Walter. **O narrador**. In: **Magia e Técnica, Arte e Política**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 2012.

BENJAMIN, Walter. **Experiência e pobreza..** In: **Magia e Técnica, Arte e Política**. Trad. Paulo Sérgio Rouanet. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1986.

BIANCO, del R. Nélia. **O tambor tribal de McLuhan**. In:

BRIGGS, ASA. **Uma história social da mídia: De Gutenberg à internet**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

CYRULNIK, Boris. **Resiliência: Essa inaudita capacidade de construção humana**. São Paulo: Instituto Piaget, 2003.

FAYE, Jean-Pierre. **A razão narrativa: a filosofia Heideggeriana e o Nacional-Socialismo**. São Paulo: Ed. 34, 1996.

FLUSSER, Vilém. **O mundo codificado: por uma filosofia do design e da comunicação.** São Paulo: Cosac & Naify, 2007.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço.** 4. ed. São Paulo: Loyola, 2003.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática.** Rio de Janeiro: Ed. 34, 2006.

MAIGRET, Éric. **Sociologia da comunicação e das mídias.** 1 ed. São Paulo: SENAC, 2010.

MARCONDES, Filho Ciro. **Até que ponto, de fato, nos comunicamos?** 3 ed. São Paulo: Paulus, 2004.

MARCONDES, Filho Ciro. (Org.). **Dicionário da comunicação.** 2 ed. São Paulo: Paulus, 2014.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia.** CosacNaify, 2003

MCLUHAN, Herbert Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem.** São Paulo: Cultrix, 2007.

MEDITSCH, Eduardo. Et al. (Org). **Teorias do rádio – I: textos e contextos.** Florianópolis: Insular, 2005.

ONG, Walter J. **Orality and literacy: The Technologizing of the Word.**

SANTAELLA, Lúcia: **Corpo e comunicação: sintonia da cultura.** São Paulo: Paulus, 2004.

SANTAELLA, Lúcia: **Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura.** 1. ed. São Paulo: Paulus, 2003.

SANTOS, Roberto Elísio dos. **As teorias da comunicação: da fala à internet.** São Paulo: Paulinas, 2003.

SARLO, Beatris. **Tempo Passado: cultura da memória e guinada subjetiva.** São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede.** Petrópolis: Vozes, 2002.

SODRÉ, Muniz. **A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento**. Petrópolis: Vozes, 2009.

VARELLA, Drauzio. **Estação Carandiru**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

VILLAÇA, H. **Narrativa e Resiliência em Documentário**. 2009. Dissertação (Mestrado) - Universidade Paulista, São Paulo, 2009. Disponível em: http://www.doc.ubi.pt/06/analise_hilda_vilaca.pdf acessado em, 22/02/16

_____, **Narcóticos Anônimos: Texto básico**. ed. Brazilian, 1993.

_____, **Pesquisa de participação de membros de NA 2012**. In: Pesquisa de participação de membros. Brasil, 2012.

_____, **Bem-vindo a Narcóticos Anônimos**. IP nº22. Brasil, 1993.

_____, **Isto resulta**. Brazilian: Naws. Inc, 1993.

_____, **Guia para trabalhar os passos de Narcóticos Anônimos**. Brazilian: Naws, Inc, 1999

_____, **Hospitais, instituições e o membro de NA**. Ip nº 20. Brasil, 1994.

_____, **Para o recém-chegado**. Ip nº 16. Brasil, 1993.

_____, **Pesquisa de participação de membros**. Brasil, 2010.

WOLTON, Dominique. **É preciso salvar a comunicação**. 1 ed. São Paulo: Paulus, 2006.

WEBGRAFIA

<http://www.existeumasolucao.com.br/pdf/livro-grupo-da-paz.pdf> – último acesso em 28/05/2017 às 15h24min.

<https://www.na.org/admin/include/spaw2/uploads/pdf/ips/br/BR3111.pdf> – último acesso em - último acesso 15/11/17 às 19:12

<http://www.alcoolicosanonimos.org.br/sobre-a-a/informacoes-sobre-a-a> – último acesso 15/11/2017